

REVISTA

www.revistacefetiando.cefetmg.br

CEFETIANDO

Volume 3 - Número 1 - Dezembro de 2022 - CEFET-MG - ISSN 2675-9519

Campus Timóteo:

história e memória

Visões sobre
a mulher
em publicidades

Revista Cefetiando [Recurso eletrônico] / Centro Federal de R454e Educação Tecnológica de Minas Gerais, campus Leopoldina, v.3, n. 1, (dez./2022). – Organizada por Carlos Eduardo Nunes Garcia...[et al]. – Leopoldina (MG), CEFET-MG, 2022.

Periodicidade: Quadrimestral.
ISSN 2675-9519

1. Educação – Periódicos 2. Educação – Estudo e Ensino. 3. Textos. 4. Projeto de Extensão. 5. Timóteo. 6. Barroco I. Garcia, Carlos Eduardo Nunes. II. Título.

CDU: 37(05)

REVISTA

www.revistacefetiando.cefetmg.br

CEFETIANDO

Volume 2 - Número 2 - Outubro de 2021 - CEFET-MG - Campus Leopoldina

Campus Timóteo:

história e memória



CEFET-MG

CENTRO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
DE MINAS GERAIS

**Diretor-Geral**

Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefia de gabinete

Carla Simone Chamon

Vivian Fontes Moreira Bitencourt

Diretoria de Educação Profissional e Tecnológica

Sérgio Roberto Gomide Filho

Ezequiel de Souza Costa Júnior

Diretoria de Graduação

Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Giani David Silva

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Conrado de Souza Rodrigues

Laíse Ferraz Correia

Diretoria de Planejamento e Gestão

Moacir Felizardo de França Filho

Leonardo Augusto Generoso

Diretoria de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Flávio Luis Cardeal Pádua

Ulisses Cotta Cavalca

Diretoria de Governança e Desenvolvimento Institucional

Henrique Elias Borges

Carolina Riente de Andrade

Diretoria de Tecnologia da Informação

Gray Farias Moita

Clever de Oliveira Júnior

Diretoria de Desenvolvimento Estudantil

Carolina Riente de Andrade

Joyce de Oliveira Ribeiro

Diretoria do campus Leopoldina

Douglas Martins Vieira da Silva

José Geraldo Ribeiro Júnior

Chefia do Departamento de Formação Geral do campus Leopoldina

Sabrina Anacleto Teixeira

Michele Ribeiro Fidelis

Coordenação de Desenvolvimento Estudantil

Raphael Franzoni Barbosa

Camila Gonçalves Guimarães

Eduardo Rocha Benini

Vera Marcia Minelli

REVISTA CEFETIANDO

www.revistacefetiando.cefetmg.br

ISSN 2675-9519.

Conselho Editorial

Carlos Eduardo Nunes Garcia

Flávia Marina Moreira Ferreira

João Felipe Alves de Oliveira

Krichynah Louren Gandara de Lima

Sabrina Anacleto Teixeira

Bolsistas

Isabella Alves Teixeira (DEDC)

Gabriela Oliveira de Souza e Silva (DEDC)

Secretário de Comunicação

Luiz Eduardo Pacheco

Projeto Gráfico e Diagramação

Pedro Godoy

Ilustrações: Freepik**Correspondência**

Centro Federal de Educação Tecnológica de

Minas Gerais – CEFET-MG – Campus Leopoldina

Rua José Peres, 558 - Centro - Leopoldina - MG Brasil

– CEP 36700-001

TEL: (32) 3449-2313 • (32) 3449-2315

E-mail: cefetiandolpd@gmail.com

Periodicidade

Quadrimestral

**Sobre a revista**

A revista Cefetiando, cujo objetivo é a circulação de textos produzidos pela comunidade do CEFET/MG campus Leopoldina, é uma iniciativa financiada pela Secretaria de Política Estudantil, através do programa BCE.

CEFET-MG

campus Timóteo: 8
história e memórias para
além dos seus 15 anos

PET.COMP:

Percepções e Experiências 19
do Projeto “Falaê”

Relato pessoal: 31
*incertezas sobre a faculdade e
sobre o futuro*

Qual é a 36
Origem
da Linguagem Humana?

Apresentando 46
minha “*amiga genial*”:
Elena Ferrante

Jantar fora 54

Mural literário

Confluência 56

O mundo é 58
ensurdecedor

Tempo 60

Opinião:

15 **Preferência** *Pessoal e
Ideológica*

25 **Ó:** o barroco e
o neobarroco
*na literatura brasileira como forma de
stilo e de estética na modernidade*

O discurso

32 sobre **a mulher** nas
publicidades da Skol

Os Benefícios da Programação Aplicada à Competição

38 Enquanto Complemento para
Formação Acadêmicos Alunos do
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Clube de leitura

48 Homenagem a
Fiódor Dostoiévski:
um caminho de redenção

57 **Em mim tudo arde**

59 **Cidadezinha qualquer**

João Felipe Alves de Oliveira

Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ.

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Olá, leitores! É com imenso prazer que lançamos mais um volume da Revista Cefetiando. Esta quinta edição chega com fôlego renovado, abordando temas variados e trazendo formatos de escrita muito diversificados e instigantes.

Na abertura, nossa colega Júlia Ribeiro Junqueira, docente da unidade de Timóteo do CEFET-MG, juntamente com os graduandos Lívia Ferreira da Costa e Thiago Henrique Rodrigues (ex-alunos de cursos técnicos da instituição), assina um texto que delinea os marcos institucionais do campus em que atua. Os autores evocam os principais “lugares de memória” que compõe a trajetória da unidade e reforçam sua relevância educacional e formadora no contexto da região do Vale do Aço. Em seguida, outro colega, o professor Paulo Henrique Silva Costa, da unidade de Varginha, desenvolve questões de grande peso na contemporaneidade em seu artigo “Opinião: Preferência pessoal e ideológica”, em que dimensiona o próprio conceito de “opinião” e como este se relaciona com as noções de subjetividade, objetividade e liberdade de expressão na era digital.

A edição prossegue com o texto “PET.COMP: Percepções e Experiências do Projeto ‘Falaê’”, fruto da colaboração de graduandos da Engenharia da Computação da Unidade Leopoldina e docentes desta instituição e da UFJF, apresentando a iniciativa “Falaê”, a qual integra o

Programa de Educação Tutorial do curso supracitado (PET.COMP.). O projeto já teve duas edições e funcionou em formato de talk show, facilitando a aproximação de discentes e docentes de maneira descontraída e bem-humorada. Os depoimentos presentes no relato mostram como os encontros transcorridos foram inovadores e eficazes.

Em seguida, a análise artística/literária ganha o primeiro plano em “Ó: o barroco e o neobarroco na literatura brasileira como forma de estilo e de estética na modernidade”, da mestranda em Estudos de Linguagem do CEFET-MG Stephanie Chantal Duarte Silva. A autora observa a relação da poesia de Nuno Ramos com certos elementos da estética barroca, destacando como rastros desse estilo sobrevivem e são remoldados nas letras brasileiras contemporâneas. Ainda na esteira do olhar analítico, Gláuber Vinícius Igor Fraga, graduando na unidade de Belo Horizonte, efetua uma interessante leitura de como a marca de cervejas Skol utiliza a imagem das mulheres em suas peças publicitárias, observando como tal uso vem se modificando ao longo das últimas décadas e conectando essas transformações com a difusão recente do discurso feminista. Fechando as contribuições de alunos oriundos do curso de Letras do CEFET-MG, o discente André Felipe Xavier Ferreira propõe em seu texto uma especulação sobre a



origem da linguagem humana, contrastando a concepção do inatismo defendida pelo célebre linguista Noam Chomsky com perspectivas advindas da teoria continuísta. Outro graduando que colabora com a presente edição, Thiago Leonardo Oliveira Bertolino (estudante de Engenharia de Computação do CEFET-MG Belo Horizonte), traz em seu artigo um estudo sobre como as competições de aplicação programada podem complementar a formação dos alunos do curso. A partir de informações coletadas por meio de entrevistas, o autor demonstra como essa iniciativa diferenciada é benéfica para o aprimorar os conhecimentos dos envolvidos.

Na porção final de nossa publicação, os colaboradores exibem em seus textos pontos de vista mais pessoais. A estudante Brenda Lisboa Gomes Fernandes apresenta um relato sobre sua experiência durante o período de quarentena, apontando suas dificuldades como caloura no Ensino Médio Emergencial (EaD). As dificuldades por ela atravessadas certamente ecoam os desafios enfrentados por grande parte dos alunos da instituição, o que dá contornos coletivos para as inquietações nomeadas no texto.

Indo para um campo mais literário, a professora da unidade de Leopoldina Erika Tiemi Anabuki oferece em “Apresentando minha ‘amiga genial’: Elena Ferrante” suas impressões acerca dos Romances Napolitanos de Ferrante, um dos maiores fenômenos literários dos últimos anos. A docente comenta sobre seu encontro fortuito com a obra da autora, enfatizando alguns aspectos centrais de sua escrita e elogiando o poder evocativo de sua prosa, que

conseguiu transportá-la para as ruas de Nápoles e para dentro das protagonistas dos enredos. Outro gigante da literatura é ovacionado em “Homenagem a Fiódor Dostoiévski: um caminho de redenção”, texto do professor Harley Juliano Mantovani, que celebra o bicentenário do escritor russo (comemorado pela comunidade literária internacional em 2021) e pondera sobre seu impressionante legado. Tendo como foco principal o romance “O Idiota” (1869) e seu protagonista, o príncipe Míchkin, Mantovani explora como Dostoiévski revolve dilemas em torno do bem, da compaixão e da esperança de salvação para a humanidade.

Na seção de criação literária, Gabrielly Ferreira Rodrigues, em seu poema “Confluência”, exprime agonia existencial numa verve quase surrealista. Por sua vez, o conto psicológico “Jantar Fora” de Danilo França e o microconto de Sofia Barbosa transportam o leitor para uma zona em que a sutileza e a economia narrativa ocultam vivências transformadoras. Nos versos de Bloco de Lego encontramos uma figuração das agonias amorosas e no belo poema da docente Leda do Nascimento Rosa uma meditação sobre o cotidiano, a paisagem citadina e o alvorecer de uma vida repleta de promessas. Em derradeiro, a prosa poética de Infante no texto “Tempo” captura a inexorabilidade do fluxo temporal e de sua atuação corrosiva.

Diante de toda essa gama textual, reiteramos o compromisso editorial e acadêmico da Revista Cefetiando com uma visão abrangente e inclusiva, e desejamos a todos um percurso de leitura prazeroso e reflexivo!

campus Timóteo: história e memórias para além dos seus 15 anos

Texto adaptado de parte da pesquisa — Os “lugares de memória” do campus Timóteo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais —, desenvolvida entre os anos de 2019 e 2020 no âmbito do PIBIC-Jr/CEFET-MG. Por envolver seres humanos, a etapa da pesquisa com entrevistas passou pela submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa do CEFET-MG, sendo aprovada e com o registro CAAE/30261020.9.0000.8507.

Júlia Ribeiro Junqueira

Docente do CEFET-MG Campus Timóteo.

Doutora em História política pela UERJ.

Lívia Ferreira da Costa

Graduanda em História na UFV

Ex-aluna do curso técnico em Desenvolvimento de Sistemas do CEFET-MG Campus Timóteo.

Thiago Henrique Rodrigues

Graduando em Ciências Sociais na UFV

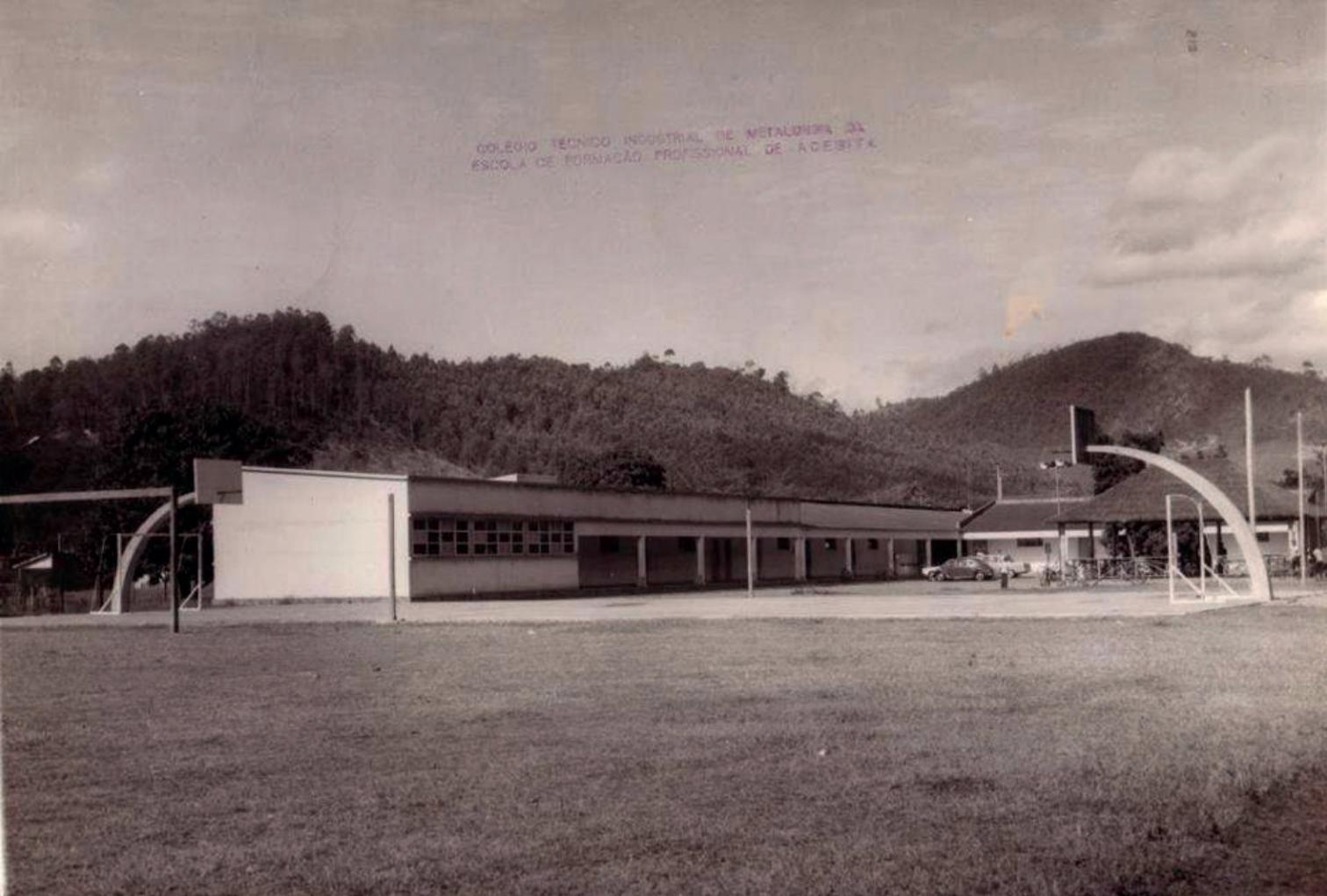
Ex-aluno do curso técnico em Edificações do CEFET-MG Campus Timóteo

São nos chamados “lugares de memória”, termo cunhado pelo historiador Pierre Nora¹, que o indivíduo encontra sua identidade, sua razão de ser e pertencer, e, com isso, torna-se ator ativo no palco da disputa de memórias. E, como afirma o próprio Nora, a história propõe, mas o presente é que dispõe. Logo, ao refletir sobre os quinze anos do campus Timóteo, completados em dezembro de 2021, precisamos direcionar o nosso olhar para o passado, para as memó-

rias, para a história, e compreender as suas vicissitudes para projetar futuros.

Na década de 1990, a Reforma da Educação Profissional trouxe mudanças para o ensino profissionalizante que podem ser sintetizadas por dois marcos legais da época. A Lei nº 8.948/1994 trouxe consigo a possibilidade de a União traçar, em conjunto com os estados, os municípios, o Distrito Federal, o setor produtivo e as organizações não governamentais, parcerias para a expansão da educação profissional, ficando o Governo Federal a cargo de bancar financeiramente toda a infraestrutura física do local, além da aquisição dos equipamentos tecnológicos necessários. Em contrapartida, os estados, os municípios e os entes privados ficariam encarregados pela gestão e continuidade

1 NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.



Escola Técnica de Metalurgia da empresa Acesita.

Acervo pessoal de Evaldo Sérgio Souza

da instituição. Este novo modelo materializou-se de fato em novembro de 1997, com o Decreto nº 2.406, que possibilitava a criação dos Centros de Educação Tecnológica (CETs)².

Todo esse período histórico, em comunhão com as reformas legislativas no âmbito educacional, propiciou a criação de um CET, no ano de 1998, em parceria com o CEFET-MG, no município de Timóteo, região do Vale do Aço. Cidade, diga-se de passagem, que já tinha um histórico de abrigar escolas com educação profissionalizan-

te³. Entre os anos de 1952 e 1953, a então estatal Acesita criou, em convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a Escola Técnica de Metalurgia, pioneira na região. Cerca de dez anos depois, a instituição de ensino realocou-se, saiu das dependências da indústria, passando a ocupar um prédio que, muitos anos mais tarde, ficaria conhecido como Bloco A do campus Timóteo/CEFET-MG. Com o encerramento das atividades da Escola de Metalurgia na primeira metade dos anos 1990,

² BRASIL. Lei nº 8.948, 8 dez. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8948.htm. Acesso em: 5 nov. 2019; e BRASIL. Decreto nº 2.406, 27 nov. 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d2406.htm. Acesso em: 5 nov. 2019.

³ ALMEIDA, Carlos Eduardo. Timóteo, 9 jul. 2020; BARBOSA, Edilson. Timóteo, 29 maio 2020; e SOUZA, Evaldo. Timóteo, 2 jul. 2020; em depoimentos à pesquisa.

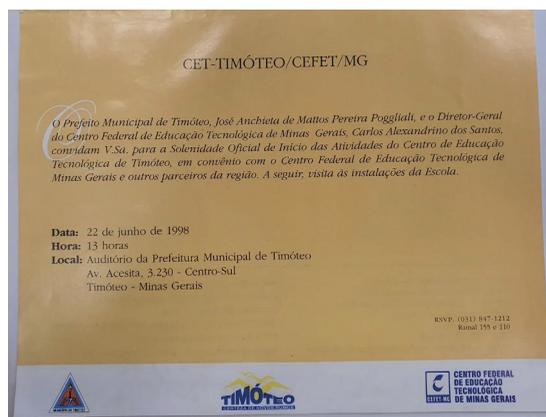


Capa do jornal informativo do CEFET-MG sobre o início das atividades no CET-Timóteo.

abriu-se uma lacuna a ser ocupada na cidade. Assim, em 1996, aconteceram os primeiros contatos entre o CEFET-MG e a Prefeitura Municipal de Timóteo (PMT) com o objetivo de criar uma Unidade de Ensino Descentralizada (UNED). Esse desejo, porém, não poderia ser alcançado à época, pois, naquele momento, a legislação não permitia, restando ao CEFET fazer parcerias no plano pedagógico com os municípios e entes privados⁴.

A única saída existente, então, para o município timotense residia em fechar uma parceria com

4 BARBOSA, Edilson; e BARBOSA, Z. M. F. Novos modelos institucionais na educação profissional e o problema da sustentabilidade: o caso dos CET's de Itabirito e Timóteo do CEFET-MG. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração Pública). Escola de Governo da Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 2005, p. 69.



Parte interna do convite de solenidade de inauguração das atividades do CET-Timóteo

o CEFET-MG e criar uma instituição aos moldes dos CETs. Toda a mobilização dos profissionais do setor educacional, dos agentes políticos e empresariais da cidade e região culminou na assinatura do primeiro Termo de Cooperação Técnica, sendo que a solenidade oficial de implantação do CET-Timóteo/CEFET-MG, no bairro Vale Verde, ocorreu apenas em junho de 1998, no auditório da Prefeitura. À época da implantação, o diretor-geral do CEFET-MG era o professor Carlos Alexandrino dos Santos, e o prefeito do município, José Anchieta de Mattos Pereira Poggiali; já a direção do CET-Timóteo ficou a cargo de José Saturnino Gomes. Concomitantemente à árdua tarefa de buscar convênios e parcerias com o setor produtivo, os funcionários do CET-Timóteo e envolvidos também começaram a percorrer os caminhos necessários para a obtenção dos recursos do Programa de Expansão da Educação Profissional (PROEP)⁵. Já em março de 2000, quatro meses antes do vencimento do primeiro Termo

5 CEFET-MG. Relatório de gestão-2002. Belo Horizonte, abr. 2003, p. 72. Disponível em: <https://www.cefetmg.br/instituicao/relatorios-de-gestao/>. Acesso em: 2 nov. 2019; e ALMEIDA, Carlos Eduardo. Op. cit.; e COSTA, Sonia. Timóteo, 22 jun. 2020; em depoimento à pesquisa.



Acervo pessoal de Tatiana Kelly Nunes Bastos

Corredor do prédio que abrigou tanto o CET-Timóteo quanto o CEFET-MG/Campus Timóteo no bairro Vale Verde.

de Cooperação Técnica, foi firmado o segundo convênio. Entretanto, a partir do ano de 2001, com a mudança na administração da cidade, as relações entre o CET-Timóteo/CEFET-MG e PMT começaram a deteriorar-se. A verba municipal, usada para arcar financeiramente com a folha de pagamento dos docentes e funcionários administrativos, bem como a manutenção do centro de ensino, diminuiu drasticamente, dificultando a operacionalização da instituição⁶.

No que concerne ao plano pedagógico, desenvolvido e chancelado pelo CEFET-MG, o CET-Timóteo ofertou, durante sua trajetória, os cursos técnicos em Edificações, Informática Industrial, Mecânica, Metalurgia, Química Industrial, Turismo & Lazer, o curso de Tecnólogo em Normalização e Qualidade Industrial (TNQI), entre outros. Lembrando que os diplomas dos alunos do CET-Timóteo também recebiam a

autenticação do CEFET-MG e, para além disso, nas datas solenes da diplomação, os diretores-gerais do CEFET compareciam às cerimônias⁷.

Mas foi no ano de 2004 que aconteceram importantes mudanças, tanto na relação entre PMT e CEFET-MG, quanto nos marcos da educação profissional, que refletiram nos rumos do CET-Timóteo. Em abril daquele ano, passados meses sem nenhum convênio, ocorreu a assinatura do terceiro Termo de Cooperação Técnica. Meses depois, em meados do ano de 2004, ocorreu a troca na diretoria do CET-Timóteo com a posse de seu segundo diretor, o professor José Angel Silva Delgado⁸. E já no mês de outubro foi promulgado o Decreto nº 5.224,

6 BARBOSA, Z. M. F. Op. cit., p. 71 e 72.

7 BASTOS, Tatiana. Timóteo, 14 jul. 2020; em depoimento à pesquisa.

8 BARBOSA, Z. M. F. Op. cit., p. 74. Desde a fundação do CET-Timóteo, em 1998, o seu diretor era José Saturnino Gomes.



Parte lateral do Bloco A do campus Timóteo no Centro Norte durante V Festival de Arte e Cultura.

que dista sobre o *modus operandi* dos CEFETs, abrangendo o reconhecimento da educação federal em nível nacional⁹. A partir de tais mudanças, já em 2005, os funcionários do CET-Timóteo começaram a tecer os trâmites necessários para transformar a escola numa UNED do CEFET-MG. Dessa empreitada, destaca-se a apresentação do projeto de “federalização”¹⁰ do CET-Timóteo em audiência no Ministério da

Educação no dia 14 de junho de 2005¹¹. A justificativa do projeto foi embasada na importante atuação da escola dentro da região do Vale do Aço, na instituição gerar mão de obra para as indústrias, nas capacidades estruturais do Centro Federal e nos fatores demandantes de profissionais, o que facilitaria a transformação. Além desses momentos preparatórios para a possível implantação do campus Timóteo, destaca-se também a ativa presença que o CEFET-MG marcava sobre o CET, sendo que a própria lógica da parceria permitia isso. Por um período de oito anos, o Centro Federal influenciou a instituição tanto na chancela pedagógica quanto em sua direção, uma vez que os diretores, ainda à época do CET-Timóteo, haviam sido servidores do CEFET-MG.

Mais de um ano após a referida audiência, em fins de 2006, precisamente no dia 28 de dezembro, foi emitida a Portaria nº 2.206, criando o campus Timóteo do CEFET-MG, que viria ser a primeira instituição de ensino federal da região do Vale do Aço, abrindo um novo caminho de oportunidades para os estudantes que estavam pleiteando uma educação gratuita e com a qualidade de ensino ofertada pelo Centro Federal de Educação Tecnológica¹². Vale ressaltar que, antes dessa portaria, ainda no segundo semestre de 2006, como parte ne-

9 BRASIL. Decreto nº 5.224, 1 out. 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5224.htm. Acesso em: 5 nov. 2019.

10 Nas entrevistas com os servidores do CEFET-MG e com os profissionais que trabalharam no CET-Timóteo, a expressão “federalização” foi recorrentemente empregada. Trata-se de uma forma coloquial para referir-se ao processo de transição do CET-Timóteo para CEFET-MG, visto que, no papel, uma nova unidade do CEFET-MG fora criada. Neste texto, o uso desse termo tem como objetivo apenas facilitar o entendimento do processo.

11 CEFET-MG. Audiência no MEC discute transformação do CET de Timóteo em UNED. Belo Horizonte, 16 jun. 2005. Disponível em: <http://www2.timoteo.cefetmg.br/noticias/2005/06/noticia0005.html>. Acesso em: 2 nov. 2019.

12 BRASIL. Portaria nº 2.206, 28 dez. 2006. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 29 dez. 2006. Seção 1, p. 444; e BELTRAME, Gabriella. Timóteo, 4 ago. 2020; em depoimento à pesquisa. O diretor da unidade à época dessa transição era o professor Edson Peixoto, que, inicialmente, esteve na função de Coordenador do Projeto Acompanhamento Técnico Pedagógico do CET-Timóteo.



Vista frontal do campus Timóteo no Centro Norte.

Acervo pessoal de Tatiana Kelly Nunes Bastos

cessária para a criação de uma provável UNED Timóteo, o CEFET solicitou à Câmara Municipal timotense o pedido de doação do imóvel onde funcionava o CET — no bairro Vale Verde, no caso. É importante lembrar que a instituição estava abrigada justamente no prédio projetado pelo famoso arquiteto Éolo Maia, em que se sobressaíam as estruturas autoportantes de tijolos maciços. Pois bem, em consonância com os interesses de implementação da educação federal na cidade, a Câmara Municipal de Vereadores de Timóteo aprovou a doação e o pre-

feito sancionou, em outubro, a Lei de doação nº 2.676¹³.

13 CEFET-MG. CEFET-MG solicita doação de imóvel para implantar Unidade de Timóteo. Belo Horizonte, 13 set. 2006. Disponível em: <http://www2.timoteo.cefetmg.br/noticias/2006/09/noticia0010.html>. Acesso em: 2 nov. 2019; e TIMÓTEO. Lei nº 2.676, 11 out. 2006. Disponível em: <https://www.timoteo.mg.leg.br/leis/legislacao-municipal>. Acesso em: 10 nov. 2019. À época, o prefeito municipal era Geraldo Nascimento de Oliveira.

Mesmo diante das dificuldades na transição e consolidação da nova instituição, muitos acontecimentos importantes ocorreram nesses anos. Em maio de 2008 foi debatida, em uma audiência pública na Câmara Municipal de Timóteo, a expansão física do CEFET-MG no município, possibilidade que acarretaria a oferta de novos cursos. Meses passados, em setembro do mesmo ano, se deu em entrevista coletiva o anúncio oficial da implantação do curso de Engenharia de Computação — que teve seu início no primeiro semestre de 2009¹⁴. E, ainda em 2008, em dezembro, foi sancionada a Lei Municipal nº 2.895, que autorizava a doação do bem público para o CEFET-MG, suprindo, assim, as necessidades físicas de expansão do campus Timóteo na região¹⁵. Tal bem público foi justamente o terreno do Centro Norte — local onde a unidade se encontra atualmente. Nos rastros dessas mudanças, a reestruturação do hoje denominado Bloco A terminou em 2012, e transferiu-se para lá, naquele mesmo ano, o curso de Engenharia de Computação, parte da biblioteca e de alguns setores administrativos. A construção do Bloco B começou efetivamente em 2013 e a inauguração ocorreu em 2014¹⁶. E foi na passagem deste ano para 2015 que a

unidade deixou o bairro Vale Verde em sua totalidade e migrou para as instalações na região central, abrindo uma série de novas oportunidades e conquistas para a instituição¹⁷.

Os parágrafos acima revisitam apenas uma parcela muito pequena dos marcos institucionais importantes da história do campus Timóteo que, como é notório, vai muito além dos 15 anos completados em dezembro de 2021, estando relacionada com outras instituições profissionalizantes que já existiram na região. Mesmo que sejam apenas alguns dos muitos fios e rastros de uma trajetória institucional, eles já cumprem um papel elementar que, além de despertarem sentimentos de identidade, pertencimento, cidadania, valorização e preservação do patrimônio em toda a sociedade cefetiana e da região do Vale do Aço, são fundamentais para a compreensão de que o momento presente da instituição, bem como qualquer fenômeno social, não existe por mera abstração. Pelo contrário, existem por condições e circunstâncias que nos foram transmitidas, herdadas e que só persistem por meio de uma luta contínua, no nosso caso, por uma educação pública, gratuita e de qualidade!

14 DIÁRIO DO AÇO. Timóteo debate expansão do CEFET. Timóteo, 13 maio 2008; e CEFET se expande em Timóteo. Timóteo, 15 maio 2008. Disponível em: <https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0020858-timateo-debate-expansao-do-cefet> e <https://www.diariodoaco.com.br/noticia/0020883-cefet-se-expande-em-timoteo>. Acessos em: 22 nov. 2019 e 5 nov. 2019; e PAIVA, Roberto. Timóteo, 15 jul. 2020; e COSTA, Maurílio. Timóteo, 8 jul. 2020; e OLIVEIRA, Fernando. Timóteo, 9 jun. 2020; em depoimentos à pesquisa.

15 TIMÓTEO. Lei nº 2.895, 25 nov. 2008. Disponível em: <https://www.timoteo.mg.leg.br/leis/legislacao-municipal>. Acesso em: 10 nov. 2019. À época, o prefeito municipal era Geraldo Hilário Torres.

16 OLIVEIRA, Rodrigo. Timóteo, 6 jun. 2020; em depoimento à pesquisa.

17 SOUZA, Silvânia. Timóteo, 3 jul. 2020; e SILVA, Monalisa. Timóteo, 1 jul. 2020; e CHAIB, Erick. Timóteo, 14 jul. 2020; em depoimentos à pesquisa.

Vista do Prédio escolar
(Julio Sardinha)



Opinião: Preferência *Pessoal* e *Ideológica*

Paulo Henrique Silva Costa
Docente do CEFET/MG Campus Varginha.
Doutor em Filosofia pela UFG.

A discussão pública sobre o tema da “liberdade de expressão” tem se mostrado frequente atualmente em razão de falas polêmicas de *youtubers*, da compra de uma grande rede social, dos possíveis impactos gerados à democracia e às instituições com o advento da desinformação em massa, entre outros. Também têm se mostrado frequentes os desacordos que são gerados a partir desta discussão. Um dos desacordos mais recorrentes e de maior impacto está baseado sobre o próprio entendimento do que seria afinal uma opinião e, mais precisamente, sobre a possibilidade de haver um limite previamente estipulado a ela. Tal desacordo pode ser apresentado pela disputa: é a liberdade de expressão irrestrita ou não? Para falar um pouco sobre este desacordo mostraremos que uma *opinião não justificada* pode ser pensada, pelos menos, em dois níveis: (a) nível da preferência pessoal e (b) nível da preferência ideológica. Começaremos com a distinção entre afirmações subjetivas e objetivas.

Afirmações subjetivas e objetivas

Considerem as duas afirmações abaixo:

- (1) “Gosto de café”
- (2) “[Acho que] está frio”

Ambas, a princípio, parecem expressar uma mera opinião. No primeiro caso, dizer “gosto de café” parece expressar uma *preferência pessoal*. No segundo caso, dizer “[acho que] está frio” parece indicar uma espécie de palpite. Contudo, apesar de parecerem muito próximas, as duas afirmações são distintas. Para começar, percebam que ambas são afirmações. Sentenças afirmativas como (1) e (2) têm valor de verdade. Ou seja, elas podem ser verdadeiras ou falsas. O ponto central aqui é saber *o que torna* a afirmação (1) e (2) verdadeira ou falsa e, conseqüentemente, analisar se o que as tornam verdadeiras ou falsas diz respeito à mesma coisa ou não.

Em Filosofia, chamamos de “fazedores de verdade” (*truth makers*) aquilo que permite tornar uma certa afirmação verdadeira ou falsa. No caso da primeira afirmação, o que permite tornar verdadeiro ou falso aquilo que está sendo comunicado é a *própria preferência pessoal de quem proferiu a afirmação*. O fazedor de verdade, neste caso, seria o *estado mental* daquele que profere a afirmação, estado este que é *interno e não factual*.

(3) “Gosto de café” (V/F)

(3) É tornada verdadeira pela própria preferência de quem proferiu a afirmação. Isto ocorre desta maneira porque a afirmação “gosto de café” é uma *afirmação subjetiva*. Afirmações subjetivas são todas aquelas afirmações que expressam as preferências pessoais de quem as proferiu e, portanto, só podem ser verdadeiras ou falsas em razão das próprias preferências pessoais do proferidor. Este tipo de afirmação tem uma característica central:

Se o proferidor não está confuso ou enganado sobre suas próprias preferências pessoais, então, sua afirmação subjetiva, que expressa preferências pessoais, não pode ser falsa.

Assim, se o proferidor expressa *exatamente a sua preferência*, sem confusões ou autoengano, a possibilidade de a afirmação ser falsa é, por assim dizer, bloqueada por ele mesmo. Pois, como vimos, o que torna verdadeira a afirmação (3) é o estado mental do próprio proferidor, o qual é um estado interno e não factual.

A segunda afirmação “[acho que] está frio” é também uma afirmação que pode ser verdadeira ou falsa. Mas, diferentemente da afirmação “gosto de café”, ela não é uma afirmação subjetiva. Pelo contrário, há aqui uma *afirmação objetiva*. Afirmações objetivas são todas aquelas afirmações que são tornadas verdadeiras ou falsas não em razão de nossas preferências

pessoais, isto é, de nossos estados mentais, mas em razão da ocorrência de um fato (objetivo) na realidade que *independe* de nossa vontade.

O que torna verdadeira ou falsa a afirmação “[acho que] está frio” é, nesse sentido, o fato objetivo de estar ou não frio. A percepção do proferidor que diz “eu acho” não torna a afirmação, por si só, subjetiva. As condições de verdade da afirmação continuam sendo factuais. É possível factualmente definirmos qual é a temperatura de uma localidade e apontarmos, com base na média de um determinado período, se está frio ou não. Portanto, o fazedor de verdade da afirmação (2) é *factual*, diz respeito à ocorrência de um fato no mundo.

Se entendermos que afirmações podem ser

Afirmações subjetivas e seus níveis

subjetivas e objetivas, então, podemos entender que aquilo que torna cada uma destas afirmações verdadeiras ou falsas são coisas distintas. Uma afirmação objetiva não é tornada verdadeira pelas nossas preferências pessoais. Pelo contrário, afirmações objetivas são verdadeiras ou falsas independentemente de nossas preferências. Seu fazedor de verdade é factual, pois diz respeito à ocorrência de um fato no mundo. Já as afirmações subjetivas do tipo “gosto de café”, “prefiro praia do que serra”, “acho o frio charmoso”, dentre outras, são afirmações tipicamente subjetivas que expressam, ao fim, apenas preferências pessoais.

Uma opinião pode ser entendida, portanto, como uma afirmação subjetiva.

Neste caso, temos o primeiro nível da opinião: *preferências pessoais*.

É possível pensar, contudo, em um segundo

nível para nossas opiniões. Neste nível, não expressamos meramente preferências pessoais, mas *preferências ideológicas*. Considerem a afirmação:

(4) “[Eu acho] que as cotas estão acabando com a qualidade do ensino superior”

Esta afirmação expressa uma opinião, mas, diferentemente da afirmação (1) “gosto de café”, ela não é meramente uma expressão de preferências pessoais. Ou seja, mesmo sendo uma opinião, logo uma afirmação subjetiva, o que a torna verdadeira ou falsa não são nossas preferências pessoais, nosso estado mental interno e não factual. Na verdade, por detrás de uma afirmação deste tipo, a qual parece uma mera opinião que expressa preferências pessoais, há uma posição ideológica, precisamente, *uma forma particular e pessoal de compreender o mundo e de se posicionar diante dele*.

Aquele que profere a afirmação acredita, mesmo que não justificadamente, que o sistema de cotas impacta diretamente na qualidade do ensino superior, dentre outras coisas, porque o sistema de cotas possibilitaria o acesso à universidade para aqueles que ainda não estão preparados.

O que há de peculiar aqui?

O que há de peculiar aqui é a confusão entre preferências pessoais e preferências ideológicas.

Aquele que profere a afirmação (4) acredita estar expressando meramente sua própria preferência pessoal, a qual, como vimos, seria tornada verdadeira pelo interesse de quem a proferiu, precisamente, pelo estado mental que dispõe. Contudo, neste segundo nível da opinião há uma posição ideológica sendo anunciada, a qual estabelece uma correlação entre a existência das cotas e a possível queda da qualidade do ensino superior.

Este é o ponto central: a afirmação (4), ao con-

trário do que o proferidor acredita, pode ser *factualmente tornada falsa*. Para isto, basta verificar os dados dos alunos cotistas e compará-los com os alunos não cotistas. Se estes dados mostrarem que o desempenho é abaixo da média, então, a afirmação do proferidor é factualmente verdadeira, caso contrário, é falsa. Neste caso em específico, a afirmação do proferidor é falsa, conforme aponta o seguinte estudo.¹

Da opinião à liberdade de expressão

Usar expressões do tipo “eu acho”, “eu gosto”, “eu prefiro” ou simplesmente acrescentar ao fim de uma afirmação “está é minha opinião” não isenta aquele que emite sua opinião daquilo que foi dito. Como vimos, opiniões podem ser pensadas como expressões de nossas preferências pessoais, mas também podem ser pensadas como expressões de nossas preferências ideológicas. Neste segundo caso, ao emitir uma opinião como expressão de nossas preferências ideológicas nos comprometemos, de forma inevitável, com algo que está para além de nossas meras preferências pessoais.

Dessa forma, estabelecer uma distinção entre os níveis de nossas afirmações subjetivas, enfatizando a possível confusão que estes níveis podem gerar, é uma tarefa importante. Ela é importante porque mostra que, ao confundirmos os níveis ou simplesmente ignorá-los, podemos gerar um *rompimento na barreira* que separa aquilo que é uma mera preferência pes-

1 Silva, B.C.M., Xavier, W.S. e da Costa, T. de M.T. 2020. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas. *Administração Pública e Gestão Social*. 12, 3 (jun. 2020). DOI:<https://doi.org/10.21118/apgs.v12i3.6125>.

soal daquilo que é uma preferência ideológica. Ou seja, entre aquilo que é tornado verdadeiro pelas nossas próprias preferências e aquilo que independe dela. E como vimos, dizer “gosto de café” e “[eu acho] que as cotas estão acabando com a qualidade do ensino superior” nos compromete com coisas completamente distintas.

Assim, todas as vezes que nossas preferências ideológicas são apresentadas como se fossem meras expressões de nossas preferências pessoais, há uma confusão em jogo: a confusão em relação àquilo que torna a afirmação verdadeira ou falsa. Esta confusão em relação às nossas opiniões gera um dos desacordos presentes no debate sobre a liberdade de expressão. Observem o seguinte argumento a favor da liberdade de expressão irrestrita:

- (1) Considerando que a “liberdade de expressão” significa, dentre outras coisas, expressar nossas preferências;
- (2) Considerando que expressamos preferências emitindo opiniões;
- (3) E considerando que nossas opiniões não nos comprometem com valores de verdade (verdadeiro ou falso), pois, são meras expressões de nossas próprias preferências pessoais;

Conclui-se que:

- (4) A liberdade de expressão deveria ser irrestrita, pois, estaríamos *apenas expressando nossas próprias preferências e nada mais.*

No argumento da liberdade de expressão irrestrita, não é considerado, por aquele que o apresenta, que há uma diferença de nível e de comprometimento quando usamos uma opinião enquanto expressão de preferências pessoais e enquanto expressão ideológica. E, como vimos,

ao ignorar a distinção entre os níveis, ignoramos também o comprometimento que somos levados a assumir. Nesse sentido, apresentado desta forma, o argumento da liberdade irrestrita nos leva a ignorar que emitimos opiniões por meio de afirmações subjetivas, e que *uma parte* destas afirmações subjetivas são meras expressões de preferências pessoais e *outra parte* não. Esta outra parte das afirmações subjetivas diz respeito a toda e qualquer opinião a qual é tornada verdadeira ou falsa, independentemente de nossas próprias preferências. Elas são tornadas verdadeiras ou falsas *factualmente*. E isto, evidentemente, independe de nossas preferências pessoais. Portanto, todas as vezes que usamos da nossa liberdade de expressão para apresentar preferências ideológicas *como se fossem* preferências pessoais e elas são *factualmente falsas*, devemos ser cautelosos. Caso contrário, estamos no terreno da desinformação. E nestes casos, por consequência, a liberdade não poderia ser irrestrita.



PET.COMP:

Percepções e Experiências do Projeto “Falaê”

Gustavo Montes Novaes

Mestre em Modelagem Computacional pela UFJF.
Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Luís Augusto Mattos Mendes

Mestre em Educação pela UCP.
Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Gabriella Castro Barbosa Costa Dalpra

Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela UFRJ.
Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Joventino Campos

Doutor em Modelagem Computacional pela UFJF.
Docente da UFJF.

Rafaela Oliveira Lorenzeto Braga

Discente do 5º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Humberto Motta da Cunha

Discente do 7º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Juan Helpes Albano

Discente do 9º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Victor de Souza Vilela da Silva

Discente do 9º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Daniel Mescolin Damasceno Crespo

Discente do 7º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Bruno La Gatta Oliveira

Discente do 9º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Gabriel Ribeiro Passos

Discente do 9º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Maria Júlia Marques Schettini

Discente do 10º período do curso de Engenharia de Computação do CEFET/MG Campus Leopoldina.

O Programa de Educação Tutorial do curso de Engenharia de Computação (PET.COMP) é orientado pelo princípio da associação entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial e, desde o início, idealiza diversas atividades. O projeto “Falaê” é uma delas, tendo como objetivo, integrar os alunos do curso, bem como acolher os calouros, proporcionando-lhes uma melhor adaptação ao curso, visto que essa fase inicial é bem difícil na vida da maioria dos estudantes.

O projeto “Falaê” foi pensado em essência como um programa de conversas e entrevistas composto pelo entrevistador e seus convidados ao estilo *talk show*, sendo norteados pelo princípio de ser leve e descontraído com uma pitada de humor. Desde o início de

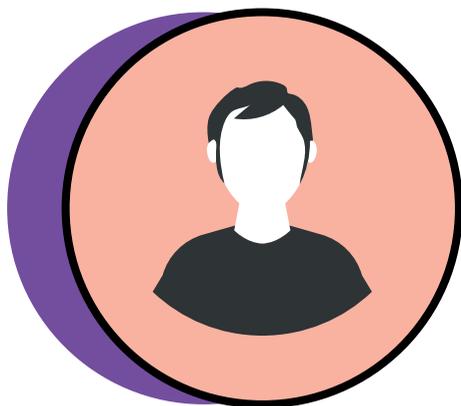
suas atividades, no início de janeiro de 2022, a equipe do PET.COMP vem pensando, elaborando e refinando o referido projeto, tendo como foco a integração dos novos alunos à instituição permitindo que ocorram momentos de descontração e aproximação entre discentes e docentes do CEFET-MG. Essa integração acontece quando os discentes se reúnem no auditório para assistir ao *talk show* “Falaê” com os convidados contando sua trajetória, vivências e histórias engraçadas, as quais abarcam desde sua formação até a sua posição atual, passando pelas oportunidades e dificuldades vividas ao longo desse processo.

Em sua primeira edição, realizada no dia 04 de março de 2022, foram convidados dois professores da área da Computação, Cleiston Rodrigues da Silva e Gustavo Montes Novaes. O tema do Falaê nessa edição foi “*Trajétórias e vivências na computação*”.

As duas edições executadas permitiram aos alunos a oportunidade de ver um lado mais desenvolvido e não muito formal dos professores que não é mostrado em sala de aula. Isso possibilita aos alunos um olhar a partir de outra perspectiva, em que as dificuldades fazem parte do processo de formação e são possíveis de serem superadas. Além disso, podemos destacar que atividades como o “Falaê” despertam o interesse dos alunos em participar do PET.COMP, instigando-os a trabalhar e acompanhar de perto o desenvolvimento de atividades como essa.

O PET.COMP realizou entrevistas com os convidados da primeira edição, entrevistando também alguns espectadores, além dos “petianos” que atuaram no desenvolvimento do projeto. Com base nos relatos, podemos afirmar que o “Falaê” possibilitou uma experiência divertida e inusitada a todos. Apresentamos em forma de depoimento a transcrição de algumas das entrevistas realizadas.

Depoimentos



Gustavo Montes Novaes

Expectativa

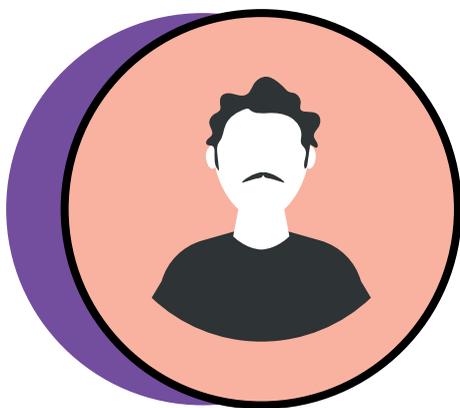
“Expectativa de uma roda de conversa sobre minha carreira, mais especificamente sobre período da graduação.”

Experiência

“A experiência, no geral, foi ótima! Pude revisar eventos e memórias do período da graduação e isto me trouxe um momento de nostalgia muito bom. Além disso, a descontração constante e a fluidez da conversa durante o quadro foi um ponto muito positivo.”

Considerações

“Especificamente sobre a minha participação, deixo minha sugestão para ações que gerem maior engajamento por parte do público espectador. No início da conversa, ao notar o público relativamente em baixo número, me fez pensar se o objetivo do quadro estava sendo atingido. Em relação à produção, fica uma sugestão de um passo a além, nesse sentido. Por fim, foi uma grata surpresa o conteúdo produzido e utilizado para guiar a conversa. Para mim, em termos de produção, este foi o ponto forte!”



Cleiston Rodrigues da Silva

Expectativa

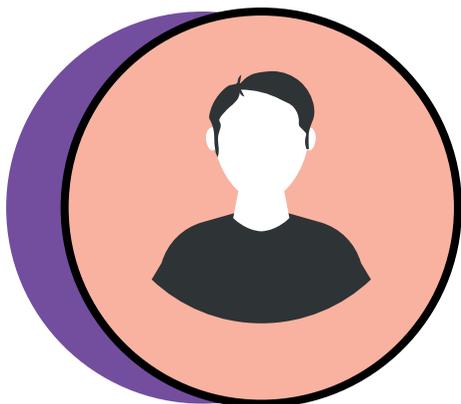
“Como participei da primeira edição, não sabia exatamente o que esperar. Me disseram que seria um bate papo descontraído e espontâneo. Assim, esperei uma conversa entre amigos.”

Experiência

“Foi uma experiência extremamente positiva. Resgataram vários pedaços do meu passado que me fizeram reviver experiências como aluno. Com certeza é algo que não esperava. Foi um grande prazer compartilhar essas experiências e espero que elas ajudem os alunos de alguma forma.”

Considerações

“O projeto tem um grande potencial para mostrar um lado da formação acadêmica que nem sempre é discutido. É uma ótima oportunidade para os alunos perceberem que muitas de suas experiências não são únicas, ou individuais, que situações do dia a dia podem ter sido vivenciadas por algum professor. Pode-se mostrar que a construção do saber vai além do conteúdo previsto em uma grade curricular. Acredito que o programa pode dar esperança e servir de inspiração, principalmente para os alunos que estão começando sua jornada acadêmica.”



Bruno La Gatta Oliveira

Expectativa

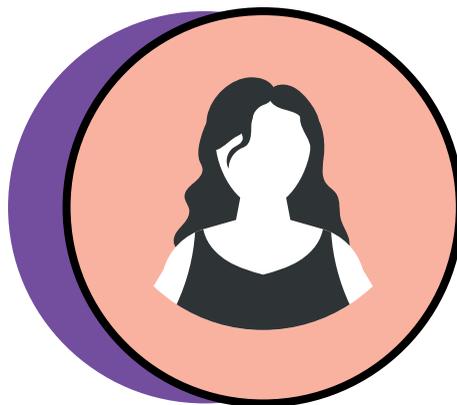
“Como um dos organizadores e apresentador da atividade, estava bem ansioso em como seria o FalaÊ. Por ser um projeto não antes visto no CEFET (uma espécie de podcast/talk show com os professores), tive medo que os alunos não se interessassem em assistir e/ou participar, julgando de antemão como apenas uma atividade chata. Na realidade, ao longo de todo desenvolvimento e amadurecimento da ideia, a expectativa sempre foi de fazer tudo parecer o mais espontâneo e divertido possível, bem como informativo, tanto para os alunos quanto para os professores. Os pilares iniciais sempre foram os mesmos: diversão e informação para todos.”

Experiência

“Foi muito melhor do que eu esperava. Em ambas as edições, consegui perceber como os participantes estavam entretidos e interessados a cada quadro. Já os professores, me espantei em como ficaram à vontade, entrando nas brincadeiras e conversando abertamente sobre suas melhores e piores experiências. Me senti muito feliz e confortável por poder apresentar essa atividade e da recepção da plateia, onde alguns participaram ativamente na plateia em alguns quadros.”

Participação

“Com medo da não participação da plateia, alguns quadros foram bolados para justamente dar importância, peso e necessidade para a participação, como o *“Seu passado te condena?”*. E na realidade, eles participaram de diversos outros momentos, o que foi muito bom, especialmente os professores que adoram aproveitar da situação para brincar com seus companheiros de trabalho que estavam no palco.”



Tatiane Barbosa Azevedo

Expectativa

“Diante do post do Pet: “Trajetórias e Vivências na Computação com os professores Gustavo e Cleiston”, fui ao evento na expectativa de assistir uma entrevista tradicional, com dois amigos de trabalho, sobre a temática de nossa área de atuação.”

Experiência

“Posso resumir minha experiência com alguns adjetivos: inusitada, inesperada, surpreendente, leve, muito divertida, incrível.”

Considerações

“Considero o projeto muito importante, pois apresenta aos alunos, de forma criativa e descontraída, uma visão diferente dos professores, estreitando a relação entre docentes e discentes.”



Considerações finais

Com base nos relatos apresentados, percebe-se que o projeto surpreendeu as expectativas se mostrando leve, inusitado e divertido. Destaca-se ainda que a dinâmica adotada pelo Falaê permitiu aproximar os alunos dos professores, estreitando essa relação cotidiana. Percebe-se também que a organização dos quadros e conteúdos produzidos para o Falaê foi considerado o ponto forte do projeto por um dos convidados. O *feedback* dos professores convidados também foi positivo, gostaram de compartilhar suas experiências, como estudantes. Relataram também que de alguma forma, a atividade pode inspirar e acalmar os estudantes ao longo

de sua formação, visto que abordaram quais problemas tiveram e como os solucionaram. Outro ponto acerca de tal evento é a desmistificação de questões do curso levantadas pelos estudantes, como a aplicação de certos conteúdos vistos na matriz curricular ou a falta de perspectiva do que fazer ao formar, como forma de comprovar a importância das ações de extensão para o desenvolvimento profissional dos discentes e para a interação do CEFET-MG com a comunidade.

Apesar de o Projeto de Extensão “Falaê” estar apenas na primeira fase de execução, já podemos perceber que as atividades previstas serão



de grande importância para a formação profissional dos discentes do CEFET-MG. Todos os envolvidos no projeto estão desempenhando suas funções com muito empenho, e isso faz com que a repercussão na comunidade externa seja muito positiva, como podemos perceber pelos depoimentos dos alunos e dos professores que participaram do projeto. Qualquer tipo de atividade de extensão sempre trará novas possibilidades, inovações e perspectivas acerca do mundo acadêmico, sendo assim, temos como objetivo sempre trazer novas ideias e visões de tal mundo para os alunos, para que, além de contribuir com suas futuras escolhas profissionais, possamos apresentar novas alternativas e maneiras de inovar a carreira profissional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE - 2014-2024 e dá outras providências. Conselho Nacional de Educação: Câmara de Educação Superior. Brasília, DF, 30 mai. 2022. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 07 jun. 2021.

CEFET-MG. **Resolução CD- 014/17, de 28 de junho de 2017.** Regulamenta as ações de extensão do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Conselho Diretor. Belo Horizonte, MG, Disponível em: <http://www.conselhodiretor.cefetmg.br/galerias/Arquivos_ConDir/Resolucoes/Resolucoes_2017/RES_CD_014_17.htm>. Acesso em: 26 mai. 2022. FORPROEX.

Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, 2012. 68 p. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 27 mai. 2022.

Programa de Educação Tutorial – PET. 9 de setembro de 2020. Disponível em : <<https://www.dirgrad.cefetmg.br/coordenacao-de-fomento/560-2/>> Acesso em : 02/06/2022



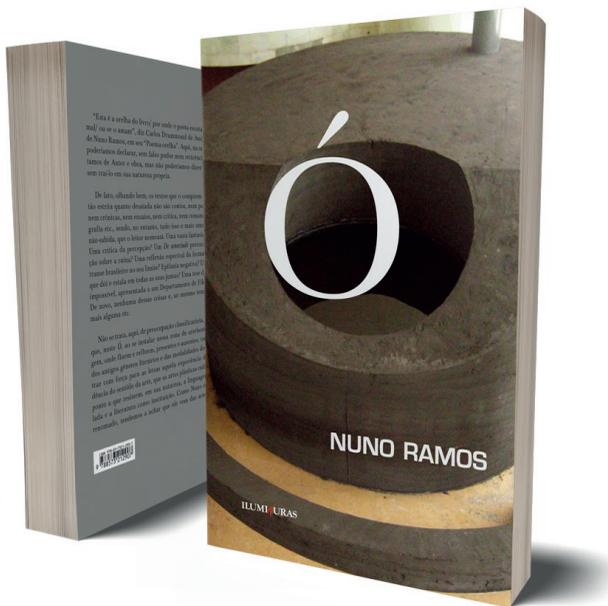
Ó - o barroco e o neobarroco

na literatura brasileira como forma de stilo e de estética na modernidade

Stephanie Chantal Duarte Silva

Graduada em letras pelo CEFET/MG.

Discente do curso de mestrado em Estudos de Linguagens no CEFET/MG.



Resumo:

O presente artigo pretende analisar a redescoberta do barroco por meio do neobarroco na literatura brasileira, no contexto empregado na obra *Ó* (2013), de Nuno Ramos. Nessa perspectiva, foram utilizados dois poemas de sua autoria: “Ó” e “Segundo Ó”, com o objetivo de identificar a relação existente de busca do estilo e da estética nas correntes identificadas. Procurou-se mostrar como elas estão empregadas na modernidade tanto em um contexto histórico quanto na relação entre presente e passado por meio das figuras de linguagem, bem como do exagero, da morte, da melancolia, da dúvida e do questionamento. Além disso, para reforçar o embasamento teórico deste artigo, será feita referência aos textos de Dias; Graciano; Ribeiro; Pacshe (2013), Dias; Ribeiro; Pacshe (2015), Campos (1992); e do texto sobre o “Neobarroco” (site Artout), que trazem um estudo sobre barroco e neobarroco em um contexto histórico brasileiro.

Palavras-chave: Barroco. Neobarroco. Estilo e Estética. Literatura Brasileira. Poemas.

Introdução

A crítica literária sobre o barroco e o neobarroco apresenta dados variados em relação às influências na produção de obras literárias, bem como sobre o tipo de reconhecimento de textos poéticos que se podia fazer de acordo com vários critérios que iremos ver no decorrer deste artigo. Analisa-se, portanto, o estilo (maneira particular de escrever) e a estética (a beleza), ou seja, as ca-

racterísticas de tais períodos históricos, barroco e neobarroco, atrelados à modernidade. Nesse contexto, as poesias de Ramos (2013) utilizam o estilo que está empregado nos recursos linguísticos, nas figuras de linguagens, além do modelo estético do barroco como um projeto estético perante a modernidade através do exagero, da morte, da melancolia, da dúvida e do questionamento.

Para fins deste artigo, a análise será realizada no âmbito da literatura e datada a partir do século XVI até XXI. É possível estabelecer uma leitura da relação dos períodos escolhidos, no Brasil, por intermédio dos textos “Literatura Brasileira I (vol. 1)”;¹ “Literatura Brasileira I (vol. 2)”;² “Parte II: outras metas”;³ “Neobarroco”;⁴ com o objetivo de analisar o processo histórico da literatura com a influência do barroco e do neobarroco. Além disso, faremos referência a dois dos mais importantes escritores barroquiano, Gregório de Matos e Bento Teixeira, como também às suas poesias e aos seus estilos de escrita.

Desenvolvimento

O barroco surgiu no início do século XVI, na Itália, devido ao movimento da Contrarreforma. No Brasil, essa corrente teve início no fim desse mesmo período, trazido pelos Jesuítas. Podemos dizer que a “missão” do barroco era a representação do divino e do celestial, por parte da Igreja Católica, com o intuito de conter a Reforma Protestante. Contudo, no Brasil, essa “missão” consistiu em catequizar os indígenas e também em lembrar à população os seus atos pecaminosos para tentar revertê-los ou purificá-los através dos mandamentos divinos. Desse modo, o barroco fez-se presente na literatura, arquitetura, música e artes plásticas.

1 DIAS, André; GRACIANO, Igor; RIBEIRO, Ilma; PACSHE, Marcos. Literatura Brasileira I. Canal Cederj, v. 1, mai, 2013. p. 1-169.

2 DIAS, André; RIBEIRO, Ilma; PACSHE, Marcos. Literatura Brasileira I. Canal Cederj, v. 2, mai, 2015. p. 1-206.

3 CAMPOS, Haroldo de. Parte II: outras metas. In: Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992. p. 239-243.

4 ARTOUT. Neobarroco. Artout. S.L, S.D.

Caracterizou-se por uma forte dualidade e por seus lados opostos, além de sua linguagem, que é considerada rebuscada e porque, nela, são utilizadas algumas figuras de linguagem como: metáfora, antítese, paradoxo e hipérbole.

Na literatura brasileira, há um processo de periodização para que se tenha uma organização em relação a esses fatos históricos, por isso a história da literatura brasileira divide-se em dois períodos: era colonial e era nacional, nos quais se desenvolve esta literatura em um contexto geral:

De um lado, temos o que muitos estudiosos do tema denominaram Era Colonial, que procura abarcar as manifestações literárias ocorridas durante o período colonial brasileiro. À primeira era, correspondem os períodos literários designados como Quinhentismo, Barroco e Arcadismo. De outro, temos, por oposição, a Era Nacional, que busca acompanhar o desenvolvimento da Literatura Brasileira desde os primeiros passos hesitantes do novo país que procurava se estabelecer após a independência de Portugal até o presente.⁵

Nesse contexto, o barroco, no Brasil, apareceu durante a era colonial, nos períodos literários (entre 1500 a 1808). Seu surgimento é marcado pela publicação da obra poética *Prosopopeia* (1601), do poeta Bento Teixeira. Gregório de Matos também representou o movimento barroco com as suas poesias que ressaltaram a questão religiosa perante o homem, ou seja, os conflitos humanos relacionados ao pecado e à santidade, corpo e alma. Além disso, as poesias de Gregório eram tanto líricas quanto eróticas, continham sátiras e transitavam entre o cultismo (vocabulário rebuscado e figuras de linguagem), “jogo das palavras”, e o conceptismo (pensamento lógico e raciocínio), “jogo das ideias”, o que fez o poeta ser reconhecido:

5 DIAS; GRACIANO; RIBEIRO; PACSHE, Literatura Brasileira I, p. 10.

Gregório de Matos Guerra (1636-1696) foi um poeta baiano de vastíssima obra, a ser válido tudo o que se lhe atribui em termos de autoria, apesar de não ter publicado um livro sequer em vida. Por conta de muitos poemas escritos de forma ácida, feitos para ridicularizar alguns de seus desafetos, ficou conhecido pelo epíteto de Boca do Inferno.⁶

Haroldo de Campos falava sobre o poeta Gregório de Matos no período barroco, analisando as particularidades de suas poesias e estilo:

Gregório de Matos, brasileiro formado em Coimbra, branco entre mulatos e mestiços, inimizado com os nobres da terra e com os reinóis de Portugal, por seu turno híbrido espiritual irremissível, não mais podendo ser nem uma coisa nem outra, nem juiz no reino nem advogado na Colônia ultramarina, dilacerado como o Brasil na sua situação de dependência, estoura maledicentemente em boca-de-inferno: o mesmo mecanismo permutatório do código áulico do Barroco presta-se à desabusada virulência da crítica; o estilo engenhoso do elogio e da louvação cortês é o mesmo que propicia o jogo-de-corpo destabocado da erótica.⁷

Após o surgimento do barroco, na segunda metade do século XIX, o neobarroco foi introduzido durante os séculos XX e XXI. Esse novo período histórico é mercado como um retorno ao barroco, o qual podemos entender como um tipo de sistema de organização cultural que utiliza os seus próprios métodos de representação do sistema barroquiano. No neobarroco, são retomadas algumas características do barroco, além de haver semelhança com a sintaxe estética – a incorporação da sintaxe parecida com o barroco, no neobarroco.

6 DIAS; RIBEIRO; PACSHE, *Literatura Brasileira* I. p. 167.

7 CAMPOS, Parte II: outras metas, p. 241.

Com isso, no século XX, destaca-se outro poeta e artista plástico brasileiro, Nuno Ramos. Em 2009, lançou a obra intitulada Ó, da qual ganhou, em primeiro lugar, o Prêmio Portugal Telecom “de Literatura” nesse mesmo ano. Neste livro, os poemas “Ó⁸” e “Segundo Ó⁹” são compostos por traços do barroco, ou melhor, pelo estilo e estética do poeta que relembram o neobarroco. Ramos utiliza em seus textos poéticos, assim como Gregório de Matos, uma das principais características que fazem parte do barroco e que definem o seu estilo e estética (na literatura) – figuras de linguagem. O escritor paulistano se apossa desses recursos linguísticos em quase todas as estrofes e versos de seus poemas “Ó” e “Segundo Ó”. Em um primeiro momento, podemos dizer que a poesia de Nuno Ramos registra esses recursos linguísticos:

Ao carregar no estômago frutos e pedras (como o lobo da história) e caminhar sobre as cinzas dos pés feitos de cinza, as cinzas das solas, as cinzas do asfalto, as cinzas das folhas, ao provar do pó cinza pousado em tudo

então alguma coisa como canto sai de alguma coisa como boca, alguma coisa como um á, um ó, um ó enorme, que toma primeiro os ouvidos e depois se estende pelas costas, a penugem do ventre, feito um escombro bonito, um naufrágio no seco, um punhado de arroz atirado para o alto, é em nossa voz o chamado longínquo de um sino, canto e me espanto com isso, demoro a má notícia, esqueço o medo imerecido, esqueço que sou triste e grito e bato os dois címbalos como se minhas amídalas abrissem caminho ao inimigo em meu tímpano, cachimbo coletivo que traga e queima o contorno do morro, a sombra da nuvem, a linha da espuma, o samba nos juncos [...]¹⁰

8 RAMOS, Nunes. Ó. In: Ó. S/ED. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 17.

9 RAMOS, Nunes. Segundo Ó. In: Ó. S/ED. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 23.

10 RAMOS, Nunes. Ó. In: Ó. S/ED. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 17.

Na primeira estrofe do poema “Ó”, percebemos que há a utilização de metáforas, antíteses e paradoxos: “Ao carregar no estômago frutos e pedras (como o lobo da história) / um punhado de arroz atirado para o alto, / minhas amídalas abrissem caminho ao inimigo em meu tímpano,” – há comparações implícitas de um estômago como lobo, de alguma coisa (um ó), um canto como reprodução de um som alto, dos órgãos humanos como soldados que abrem o portão para a entrada da tristeza em seu mundo – as metáforas.

As antíteses e os paradoxos apresentam-se nos trechos: “caminhar sobre as cinzas dos pés feitos de cinza, / canto e me espanto com isso,” – há os contrastes dos significados de pés (que geralmente são feitos de material consistente e duro) com “pés feitos de cinza” (que é literalmente o contrário do que um pé costuma ser), do canto reproduzido por uma voz (sua própria) com o espanto por tal canto, trazendo o contraste de emoções de seu próprio ser; “um naufrágio no seco,” – há a contradição dos termos de uma embarcação que se encontra no mar, mas que, ao mesmo tempo, está em algum lugar seco.

Na quinta estrofe, o poeta faz uso de uma das figuras de linguagem que mais se destaca juntamente com uma das questões mais importantes do barroco: a hipérbole é utilizada para representar o exagero: “[...] então eu me apresentaria ao mar, ao velho lobo, ó maior e grave e arenoso, eu me apresentaria à água inteira que me lambe agora os pés (meus pés, feitos de cinza, se apresentariam), [...]”.¹¹ Nesse trecho, Ramos refere-se à água do mar como uma imensidão e que, dela, abarca seus pés e toma conta de seu ser.

Em um segundo momento, na quarta estrofe, podemos observar que a poesia de Nuno Ramos apresenta o barroco como um modelo

estético, um projeto estético perante a modernidade, ou seja, como uma forma de encarar a modernidade diante de uma perspectiva em relação ao mundo presente através do exagero (representado pela hipérbole), da morte, da melancolia, da dúvida e do questionamento:

[...] feito microfonia, um ó que fosse crescendo também nos bichos, nas colmeias, no pelo dos ursos, na lâ das mariposas e das taturanas, no chiado do leão sem dentes que segue de longe a própria matilha sem ouvir o ó crescente das hienas que comem, comem neste momento o seu próprio cadáver, um ó aos ratos, à astúcia entocada, ao espinho na pata, um ó em dó, em si, de lata, de lata, painelas de querosene incendiadas, um ó pelo menino assassinado por outro menino, um ó pelo seu assassino, um ó de todos os meninos, sem barba, sem pelo e sem castigo [...]¹²

Nessa estrofe do poema “Ó”, percebemos que o poeta descreve, do primeiro ao quinto versos (“um ó... querosene incendiadas...”), os atributos que compõe o “ó”, os quais perpassam pelo universo animal, seguindo uma crescente escala dos animais e de suas próprias características – o exagero. Do quinto ao sexto versos (“um ó... os meninos...”), há a representação do “ó” como uma forma de desabafo em relação ao assassinato daqueles seres – os meninos, nesse caso, a morte. Do sexto ao sétimo versos (“sem barba... sem castigo”), há certa tristeza em relação aos “meninos” devido às suas mortes que evidenciam a melancolia.

Já no poema “Segundo Ó”, na segunda estrofe, percebemos que o poeta coloca em seu texto um advérbio – “talvez”: “[...] talvez naquilo em que toquei, em que tocaste, deixando para trás a digital que trazes mão [...]”,¹³ indicando um estado de incerteza, de possibilidade, de pro-

11 RAMOS, Ó. In: Ó, p. 17.

12 RAMOS, Ó. In: Ó, p. 17.

13 RAMOS, Ó. In: Segundo Ó, p. 23.

vável ato, mas que não há certeza de tal ato, surgindo, assim, à dúvida. Em outra parte desse mesmo poema, na décima terceira estrofe, Ramos expõe a vida do “menino” como forma de questionamento: “[...] não vejo o ar onde ele cede e verga, em suas juntas, não vejo onde o espaço, transparente, dobra e dança, e cresce feito maré ou leite fervendo, não sei ainda quando o que é sólido vira espuma, a qual temperatura exatamente, nem porque isso acontece, [...]”.¹⁴ O poeta interroga as questões sobre a vida relacionadas ao “menino”, dizendo que não vê certas ações dessa própria vida, porém, ao mesmo tempo, diz que não sabe sobre essas ações.

Com essa prévia sobre os períodos históricos do barroco e do neobarroco na literatura brasileira, há certa semelhança dos estilos e das estéticas dos períodos citados entre o século XVI e o século XXI. Nesse contexto, o processo sócio-histórico brasileiro teve um relevante ganho no âmbito da literatura, uma vez que, tanto o processo histórico quanto o literário, caminharam juntos retomando, na modernidade, características dos períodos anteriores.

Considerações finais

A análise apresentada, embora simples e curta, permite destacar os períodos históricos do barroco e do neobarroco na literatura brasileira, dos séculos XVI ao XXI, tendo no estudo os textos: “Literatura Brasileira I (vol. 1)”; “Literatura Brasileira I (vol. 2)”; “Parte II: outras metas”; “Neobarroco”. Além disso, os poemas “Ó” e “Segundo Ó”, trouxeram, por meio desta análise, uma reflexão sobre os períodos históricos citados acima.

Logo, ao fim desta análise sobre o barroco e o

neobarroco, identifica-se uma semelhança entre os estilos e as estéticas de tais períodos por meio das figuras de linguagens e da projeção de tais elementos perante a modernidade, dos quais são compostos e evidenciados através do exagero, da morte, da melancolia, da dúvida e do questionamento. No entanto, vale ressaltar as características do barroco como uma forma de encarar a modernidade e de construir o conceito de história a partir do passado e do presente expostos nesses poemas.

Referências

ARTOUT. Neobarroco. Artout. S.L, S.D. Disponível em: <<https://artout.com.br/neobarroco/>>. Acesso em: 25 abr 2022.

CAMPOS, Haroldo de. Parte II: outras metas. In: Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992. p. 239-243.

DIAS, André; GRACIANO, Igor; RIBEIRO, Ilma; PACSHE, Marcos. Literatura Brasileira I. Canal Cederj, v. 1, mai, 2013. p. 1-169. Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/recurso/13783>>. Acesso em: 25 abr 2022.

DIAS, André; RIBEIRO, Ilma; PACSHE, Marcos. Literatura Brasileira I. Canal Cederj, v. 2, mai, 2015. p. 1-206. Disponível em: <<https://canalcederj.cecierj.edu.br/recurso/10502>>. Acesso em: 25 abr 2022.

RAMOS, Nunes. Ó. In: Ó. S/ED. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 17. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cvce>>. Acesso em: 25 abr 2022.

RAMOS, Nunes. Segundo Ó. In: Ó. S/ED. São Paulo: Iluminuras, 2013. p. 23-24. Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/cvce>>. Acesso em: 25 abr 2022.

14 RAMOS, Ó. In: Segundo Ó, p. 24.

incertezas sobre a faculdade e sobre o futuro

Brenda LisboaGomes Fernandes

Discente do curso técnico concomitante em Eletrônica do CEFET/MG Campus II.

A dificuldade de ser caloura no Ensino Remoto Emergencial (EaD) e todos os problemas de concentração, excesso de tarefas e a responsabilidade num momento de total estresse em que até pensar fica difícil ao meio a incerteza, à reclusão em casa devido à doença, somado a pressão de estudar e ir bem nas matérias, me fizeram sentir aliviada com a volta do ensino presencial. Ao mesmo tempo com medo do que não vivi e do que já deveria ter vivido, como as aulas que eu deveria ter feito presencialmente, as paixões, e claro, o bandejão. Agora que experimentei um pouco, vejo as dificuldades de conciliar a vida e o estudo presencial, que eu queria ter passado nesses 2 anos de EaD.

Eu não estava nem um pouco preparada para o que viria: passar o dia inteiro fora de casa, estudo árduo e ainda conciliar com equipe de competição e minha família. O resultado disso foi uma pessoa estressada, cansada e com extrema incerteza no futuro, futuro esse que eu pensava diariamente em dias depressivos e ansiosos da pandemia com esperança em ter semanas e meses diferentes um dos outros. A questão é que me peguei pensando nisso depois de uma prova de Geometria Analítica e Álgebra Vetorial (GAAV) em que estudei, mas simplesmente não conseguia entender nada, fui fazer a prova confiando na sorte e fui muito mal, me senti péssima e com uma vontade infinita de trancar o curso. Ver o quanto aqueles que trancaram o curso pareciam felizes fez minha vontade só aumentar. Parece que eu perdi

a capacidade de aprender durante a pandemia, procrastinando o dia inteiro. A realidade bateu forte porque o começo foi muito mais difícil do que eu pensei. Assim que cheguei em casa, comecei a procurar sobre textos, vídeos e até Tiktoks de qualquer coisa que me fizesse melhorar da angústia que eu estava sentindo, até que ouvi uma frase que me aliviou de uma forma tão grande que parte da minha incerteza do que seria minha vida acadêmica no presencial, se acalmou. O diálogo era: “Não é por que você não gosta de uma matéria que não goste do curso, ou até mesmo, não goste da matéria. Isso de não gostar de uma matéria só porque vai mal nela é coisa de ensino médio, no ensino superior, as coisas são naturalmente mais difíceis.”. Não vou mentir que me senti um pouco ofendida por ser comparada ao ensino médio, até perceber que, talvez, mentalmente, eu não tenha saído dele.

Parece que o tempo parou quando eu ainda estava no 2º ano do ensino médio e eu caí de paraquedas em um completamente diferente, com dificuldades diferentes, resolvi procurar mais em busca de conforto ainda fiquei com aquela neura de “e se não der certo no final? Talvez eu nem termine a faculdade do jeito que eu estou.”, e caí com uma frase do Fernando Sabino: “No fim vai dar tudo certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou o fim.”, essa frase me deu um pouco de mais de confiança para procurar na faculdade a maturidade suficiente para seguir em frente

O discurso sobre *a mulher* nas publicidades da Skol

Gláuber Vinícius Igor Fraga

Discente curso de Letras, oitavo período, campus I BH - Nova Suíça do CEFET/MG

Machismo, sexismo e misoginia são palavras que, constantemente, tematizam discussões na grande mídia brasileira. Esses vocábulos são utilizados frequentemente e não fazem parte de um modismo das últimas duas décadas. Lélia Gonzalez, ativista sobre questões de gênero, em diversos trabalhos escritos na década de 1980, já versava sobre esses assuntos. “É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas [...]” (EL PAÍS, 2020). Na sociedade atual, há diversas maneiras de se verificar o discurso e a ideologia machista, uma delas é por meio das publicidades de indústrias cervejeiras. O presente ensaio objetiva demonstrar essa construção de discursos mediante a análise de duas publicidades da Cervejaria Skol, uma peça divulgada em 2006 e outra, em 2016.

Em artigo publicado em 2006, no Jornal Folha de São Paulo, Berenice Bento versou sobre as características das publicidades de cerveja da época. Para Bento, “o marqueteiro misógino supõe que sua ‘obra-prima’ apenas retrata uma verdade aceita por todos, inclusive por mulheres: elas existem para servir aos homens.” (BENTO, 2007). Levando em consideração o

posicionamento de Bento (2007), infere-se que para ela: mulher, socióloga e professora da Universidade de Brasília; o padrão das publicidades das indústrias cervejeiras da época incomodava.

Dessa maneira, ao utilizar a Análise do Discurso para o estudo dessas duas peças publicitárias, o trabalho realizará a investigação das condições de produção das publicidades, com base em sentido estrito e em sentido amplo, a partir da teoria de Orlandi (2009). A pesquisa também contempla o estudo do perfil de mercado no momento de divulgação da publicidade e a interpretação dos discursos.

Veja na próxima página o primeiro anúncio para análise, divulgado em 2006.

Ao analisar as condições de produção dessa publicidade, infere-se que essa peça realçou os valores sustentados pela Skol durante a primeira década dos anos 2000. Na peça, em um sentido estrito, os publicitários da agência F/NAZCA Saatchi & Saatchi versaram sobre a dualidade quadrado e redondo, sendo o quadrado atribuído às marcas concorrentes e o redondo, a Skol. Diferentemente das tradicionais



Fonte: ZNIT, (2020)

Figura 1 – Publicidade da Skol na primeira década dos anos 2000

publicidades de cerveja da época, as quais focavam no produto cerveja e na mulher, a peça analisada tentou criar uma narrativa. Por meio da estratégia de leitura dado-novo, a publicidade apresentou uma informação conhecida tacitamente pelo público à esquerda e uma informação desconhecida à direita. Contudo, apesar da narratividade, a cervejaria não evitou a ilustração da mulher usando roupas curtas, sensualizando e evidenciando o corpo feminino. Em um sentido amplo, a enunciação dessa peça dialoga com o perfil histórico e ideológico do machismo, o qual coloca a mulher em posição subjugada ao homem. Dessa maneira, consoante a Orlandi (2009), os dizeres pretéritos proferidos por alguém acerca dessa concepção machista, em outro lugar, em outro momento, possui algum efeito na peça analisada.

Sobre o perfil de mercado cervejeiro para a época, os publicitários responsáveis pela peça deduziram como possível alvo os homens heterossexuais. Analisando o contexto socioeconômico

da primeira década de 2000, as mulheres, apesar de terem ganhado espaço na sociedade, comparando-se com décadas passadas, ainda se encontravam com menor destaque em algumas searas sociais. Conforme o Censo realizado entre os anos 2000 e 2010, as mulheres “estudam mais, mas possuem formação em áreas que auferem menores rendimentos; estão mais presentes no mercado de trabalho, mas continuam ganhando menos e caminham mais lentamente rumo à formalização [...]” (IBGE, 2014). Essa pesquisa demonstrou um fragmento da realidade dessa época. Assim, os homens eram considerados geralmente os provedores das famílias. Por conseguinte, a cerveja, que no Brasil era um símbolo de bebida para homens, possuía publicidades que destacavam a mulher como um objeto atrelado ao produto anunciado.

Interpretando a imagem, infere-se que a mulher em destaque está em um ambiente fechado, aparentemente um local comercial. Nesse estabelecimento, a cor, predominantemente ama-

rela, remete ao calor, à coloração dos cabelos da mulher e à coloração da cerveja. No primeiro quadro da imagem, a mulher, que usa uma saia, toma água em um bebedouro convencional. No segundo quadro da imagem, a mulher toma água em um bebedouro diferente dos padrões existentes. Nesse bebedouro idealizado pela publicidade, a mulher de saia precisa se abaixar para tomar água e, conseqüentemente, vai expor o que há debaixo de sua saia. Nesse anúncio publicitário, há certamente um apagamento dos outros padrões de mulher, visto que o padrão da mulher branca, loira e magra foi escolhido para ser destaque. Interpretando o texto presente na peça - "Se o cara que inventou o bebedouro bebesse Skol, ele não seria assim. Seria assim." - juntamente com a imagem, nota-se uma indicação de postura entre as pessoas que não tomam Skol e as pessoas que tomam Skol. Logo, pode-se deduzir que os consumidores de Skol veem o mundo de outra maneira. Possivelmente, essa nova forma de enxergar o mundo é tachada como boa conforme a publicidade analisada.

A partir da análise desses três pontos, nota-se que a abordagem da publicidade em estudo refletiu o discurso de uma ideologia dominante, a qual coloca o homem como o potencial público-alvo desse texto. Consoante a Bourdieu (2002), esse tipo de discurso reverbera a dominação masculina, a qual foi ratificada pela ordem social da primeira década dos anos 2000.

Veja abaixo o segundo anúncio a ser analisado, divulgado em 2016.

Para a época da publicação da peça analisada, o mercado cervejeiro era aparentemente o mesmo da década passada. Todavia, em um sentido estrito, levando em consideração a peça publicitária aqui apresentada, infere-se que as mulheres já eram caracterizadas como um potencial consumidor de cerveja e, por conseguinte, foram abordadas de uma maneira mais independente do homem. Essa constatação se reflete na campanha da Skol, a qual possui como mote: "Redondo é sair do seu quadrado!". Dessa maneira, a empresa seguiu a tradição, ao brincar com a ambigüidade semântica das

Fonte: Publi Cerveja, (2017)

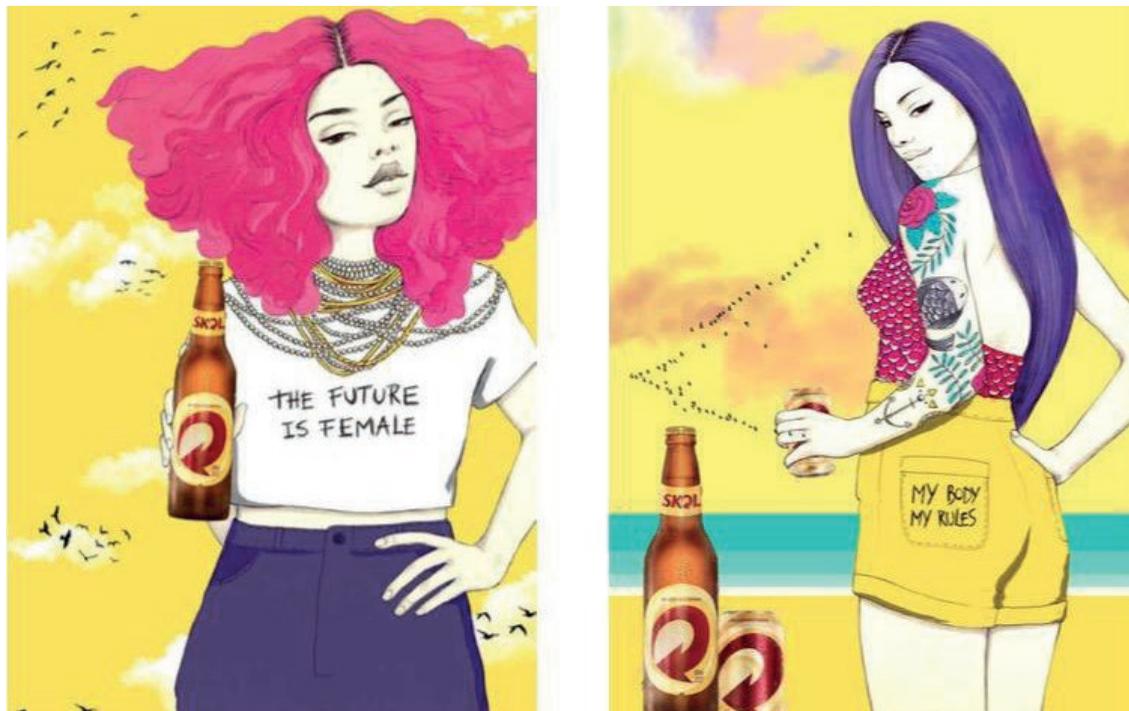


Figura 2 – Publicidade da Skol na segunda década dos anos 2000

formas geométricas, mas alterou consideravelmente o perfil das publicidades. Essa campanha de 2016 foi produzida por oito artistas mulheres, que recriaram pôsteres antigos da Skol. Em um sentido amplo, a peça conversa com os movimentos anteriores de resistência feminina ao machismo imposto pela sociedade. Essas vozes anteriores, anônimas, corporificam-se no discurso da peça estudada.

Todo o projeto foi idealizado pela agência F/NAZCA Saatchi & Saatchi, a mesma empresa que criou a peça publicitária de 2006. Conforme a diretora de marketing da Skol, Maria Fernanda de Albuquerque, as ilustrações remetem ao desejo da empresa de rever as peças do passado. “Toda vez que nos deparamos com peças antigas de SKOL, que mostram posicionamentos distantes do que temos hoje, surge uma vontade de redesenhá-las e reescrevê-las.” (PUBLI CERVEJA, 2017, online). Assim, a empresa, a partir dessa campanha, vislumbrou assumir o passado, mas demonstrando mudanças.

Interpretando a imagem, infere-se que as mulheres em destaque estão em um ambiente aberto, sendo a segunda em um local que remete ao litoral. Nesses ambientes, o fundo é amarelo o que alude à coloração da cerveja. No primeiro quadro da imagem, a mulher segurando a cerveja é a figura central e pode ser interpretada como consumidora da cerveja Skol. A blusa dessa mulher possui a frase em inglês “The future is female”, que significa “O futuro é feminino. No segundo quadro da imagem, a mulher também aparenta ser a consumidora da cerveja e é o foco da imagem. Na vestimenta da mulher, há a frase em inglês “My body my rules”, que significa “Meu corpo minhas regras”.

Como visto na comparação das duas publicidades, percebe-se que, apesar de um pequeno distanciamento temporal entre a produção das peças, o posicionamento da cervejeira objetivou caracterizar a mulher de outra maneira. Na primeira publicidade, a peça reflete uma abordagem marginal da mulher, colocando-a como um produto atrelado ao consumo da cerveja. As condições de produção da peça dialogaram com as publicidades tradicionais de cerveja e, histori-

camente, a publicidade remeteu a um posicionamento machista, em que os homens são habitualmente o público-alvo para esse tipo de bebida. Na segunda publicidade, as condições de produção retrataram uma resistência das mulheres ao machismo edificado em sociedade. Ao caracterizar a mulher como consumidora de cerveja e não a estereotipando com roupas sensuais, a cervejeira revelou um novo posicionamento que dialogou com os movimentos feministas do passado e do presente.

Referências

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. / Pierre Bordieu; tradução Maria Helena Kühner. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

EL PAÍS. **Lélia Gonzalez, onipresente**. 25/10/2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>>. Acesso em: 01/09/2021.

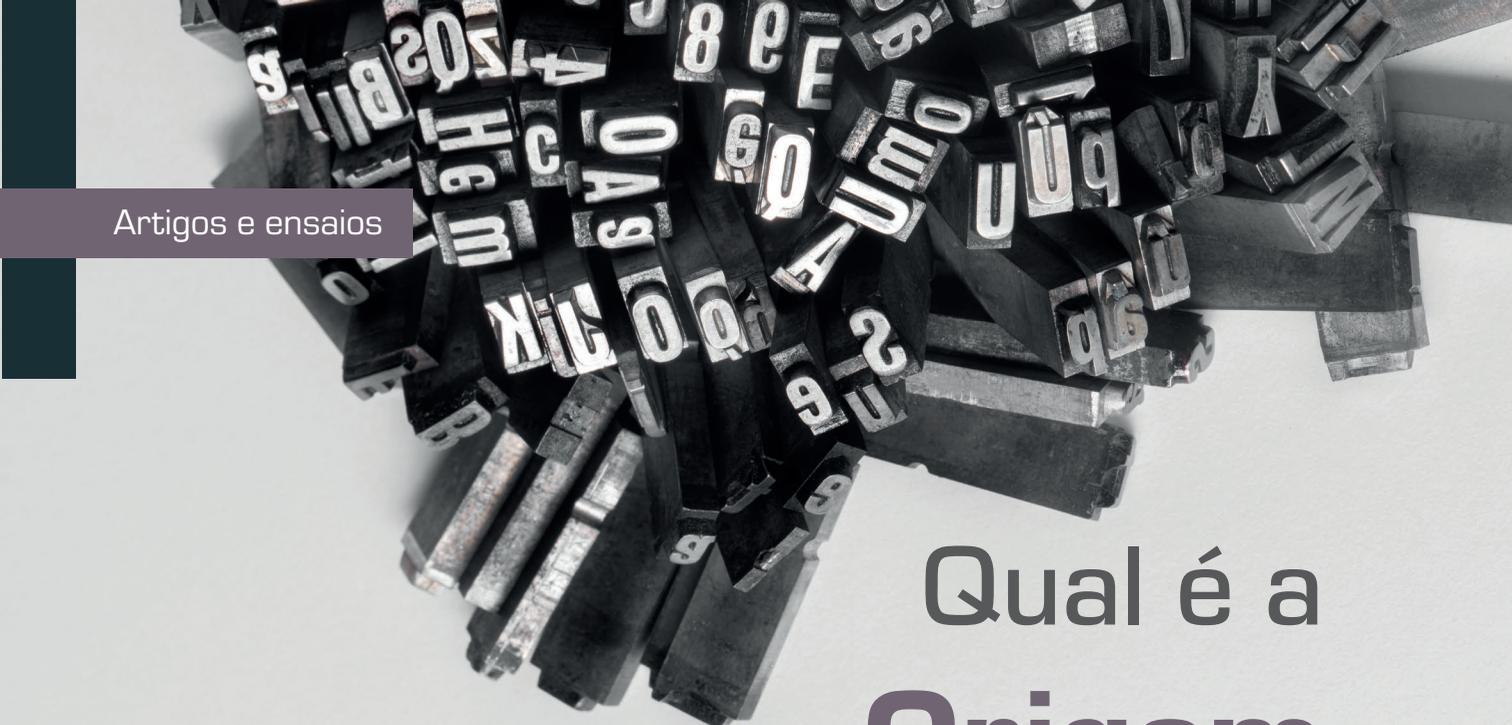
BENTO, Berenice. **A cerveja e o assassinato do feminino**. Folha de São Paulo. 03/01/2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0301200709.htm>>. Acesso em: 03/09/2021.

IBGE. **Estatísticas de Gênero mostram como as mulheres vêm ganhando espaço na realidade socioeconômica do país**. 31/10/2014. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias=-censo?busca1=&id1=&idnoticia2747=&t=estatisticas-genero-mostram-como-mulheres-vem-ganhando-espaco-realidade-socioeconomica-pais&view=noticia>>. Acesso em: 02/09/2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

MARQUINE, Bruna. **Reposicionamento de marca: Skol – Redondo é sair do seu passado**. ZNIT. 10/02/2020. Disponível em: <<https://www.znit.com.br/reposicionamento-de-marca-skol-redondo-e-sair-do-seu-passado/>>. Acesso em: 02/09/2021.

PUBLI CERVEJA. **Redondo é sair do seu passado: Skol legitima novo posicionamento e faz releitura de peças publicitárias antigas da marca**. 09/03/2017. Disponível em: <<https://publicidadeecerveja.com/2017/03/09/redondo-e-sair-do-seu-passado-skol-legitima-novo-posicionamento-e-faz-releitura-de-pecas-publicitarias-antigas-da-marca/>>. Acesso em: 02/09/2021.



Qual é a Origem da Linguagem Humana?

André Filipe Xavier Ferreira

Discente do curso de Letras: tecnologias de edição, 4º período, Campus I - Nova Suíça. CEFET/MG.

A origem da linguagem é um assunto polêmico que suscita divergências entre os estudiosos e as correntes do conhecimento. Muito disso é dado pela falta de objetos empíricos para o aprofundamento das pesquisas. Entretanto, há estudos que se baseiam em outros aspectos para formular hipóteses de como e quando surgiu a linguagem humana. Nesse sentido, o autor Paulo Espírito Santo Saraiva, em seu livro “Cérebro, evolução e linguagem”, apresenta um apanhado de ideias concebidas por outros autores para tentar responder a essa questão de origem. Ele coloca o intelectual Noam Chomsky como grande defensor da teoria da descontinuidade da linguagem; e Charles Darwin como precursor da teoria da continuidade.

Assim, Saraiva aponta que os estudos da teoria da descontinuidade, encabeçados por Noam Chomsky, postulam que a linguagem humana é inata, ela independe do meio ou de grande estímulo para se desenvolver. O ser humano possui em seu cérebro um lugar para a linguagem e isso teria sido conquistado por fatores biológicos da espécie *homo sapiens*. Dessa forma, nenhuma outra linguagem do reino animal poderia ser comparada com a humana.

Nessa concepção, o ser humano teria uma dotação orgânica para a linguagem, ou seja, natural, própria da espécie. Existiria algo como um módulo dedicado somente à linguagem. Isto é, haveria uma estrutura pré-existente no cérebro

humano que o faz competente em termos de linguagem, e também é nesse módulo que ela se desenvolve.

A partir disso, pode-se entender o conceito de Gramática Universal (GU) criado por Noam Chomsky, em que prediz que todas as línguas compartilham, na verdade, de uma única e específica origem. Assim as crianças, independentemente de suas nacionalidades, nascem com o mesmo sistema linguístico. Nesse sentido, toda criança poderia aprender qualquer língua, pois, por exemplo, o português compartilha da mesma matriz que o chinês, tal-qualmente, o inglês com a do espanhol. É importante salientar que a GU é classificada como uma propriedade etérea.

Ocorre uma divergência entre os estudiosos dessa teoria, uns veem a linguagem quase como uma dádiva, um milagre que surgiu no ser humano. Outros admitem as possibilidades, embora não muito prestigiadas para sustentar a teoria, de influências ambientais e até mesmo do conceito de “seleção natural” (Darwin).

Esses são alguns argumentos contraditórios que empobrecem a teoria inatista, surgindo diversos questionamentos. Com isso, outra perspectiva responde melhor às indagações e aos “furos” teóricos da anterior: a teoria continuísta da origem da linguagem.

A partir do texto de Elaine Crolla, consegue-se entender como a teoria continuísta enxerga a linguagem. A autora explana sobre a hipótese, à luz de Hyams (1986); Clahsen (1992); Lust (1999); Lopes (2000); Pinker (1984); entre outros. Para eles, a teoria continuísta vê a linguagem como produto que surgiu e foi desenvolvido historicamente. Nesse sentido, não haveria capacidades linguísticas específicas no cérebro humano, algo que já estaria pronto para conceber a linguagem de maneira natural. Mas na verdade, o cérebro teria sofrido mutações com-

plexas ao longo do tempo, e foi se desenvolvendo de maneira progressiva. Quer dizer, haveria uma série de mutações fisiológicas e biológicas que levou à aquisição da linguagem humana.

Há várias discussões nessa perspectiva, porém um dos conceitos amplamente concebido é de que a linguagem é compartilhada pelas espécies. Portanto, pode-se falar, por exemplo, que a linguagem – historicamente evolutiva – tem sua origem, por assim dizer, nos macacos e nos símios. Dessa forma, a linguagem humana, guardadas as devidas proporções, pode ser comparada com a de outras espécies, haja vista suas semelhanças. Alguns exemplos: os primatas, pássaros, cães e a impressionante “dança” das abelhas.

Referências

SARAIVA, Paulo Espírito Santo. Cérebro, Evolução e linguagem. Brasília: UnB, 2014. p. 451-487.

CROLLA, Elaine. A Aquisição da Linguagem. Material didático desenvolvido para o Curso Letras – LIBRAS (UFSC), 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4410202/mod_resource/content/1/Aquisicao%2Bde%2Blinguagem.pdf>. Acesso em: 17 de set. de 2022.

Os Benefícios da Programação

Aplicada à Competição

Enquanto Complemento para

Formação Acadêmica dos Alunos do

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Thiago Leonardo Oliveira Bertolino

Discente do 3º período do curso de Engenharia de Computação Campus Nova Gameleira - Belo Horizonte do CEFET/MG.

Resumo:

No hodierno cenário de conectividade do universo digital, extrapolar os limites da sala de aula e inserir-se em torneios de codificação transfigura-se fundamental para estudantes que queiram amadurecer na área. O presente artigo tem por objetivo evidenciar os aspectos positivos da inserção do corpo discente dos campus Nova Suíça e Nova Gameleira em programas competitivos, a fim de fomentar, de modo completo, o desenvolvimento de aptidões pessoais e profissionais no campo da programação.

Palavras-chave: programação aplicada; programas competitivos; formação acadêmica.

Abstract:

In today's scenario of connectivity of the digital universe, going beyond the limits of the classroom and inserting themselves in coding tournaments becomes essential for students who want to mature in the area. This article aims to highlight the positive aspects of the insertion of the student body of the Nova Suíça and Nova Gameleira campuses in competitive programs, in order to promote, in a complementary way, the development of personal and professional skills in the field of programming.

Keywords: applied programming; competitive programs; academic formation.

Introdução

Os estudos desenvolvidos por Gonçalves et al. (2013) evidenciam que os altos níveis de abstração teórica exigidos em disciplinas relacionadas à programação desestimulam e desencorajam os universitários, perpetuando os altos índices de reprovação e desistência. Destarte, é inteligível que a adoção de outros meios lúdicos, como a integração dos graduandos em olimpíadas de informática durante o processo de ensino dessa metodologia maçante, tende a desfigurar tal perspectiva.

Sob esse viés, atualmente, no panorama continental, há uma vasta gama de disputas organizadas por órgãos governamentais e instituições renomadas no ramo computacional, as quais aspiram incentivar e aprofundar o conhecimento dos jovens no contexto da programação. Este artigo visa ponderar, a partir da síntese dos resultados provenientes de um questionário qualificativo, o qual abrangeu como público-alvo membros das principais equipes de competição do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET/MG), os impactos atrelados à participação nesses embates científicos.

Além dessa seção introdutória, o presente trabalho conta com a apresentação e detalhamento da metodologia (item 2), divulgação dos resultados (item 3) e correlação com outros artigos (item 4). Concomitantemente, destaca-se ainda as conclusões (item 5) e, finalmente, as referências bibliográficas (item 6).

Metodologia

O método de abordagem para coleta de dados deu-se a partir de uma pesquisa qualitativa, mediante o uso de um questionário virtual enquanto instrumento investigativo. Nesta lógica, os resultados obtidos partem das percepções e experiências dos integrantes das equipes se-

leccionadas para pesquisa. Esses dados foram submetidos a uma síntese profunda, a fim de elencar os possíveis benefícios da participação corriqueira em torneios e maratonas de programação aplicada.

Equipes Elegidas

Para realização da pesquisa, utilizou-se unicamente como critério na iminência de convocação das equipes o grau de importância da programação nos projetos desenvolvidos, sendo assim desconsideradas as associações em que a codificação não era o foco.

O primeiro grupo selecionado foi o “Cefast Drone”, criado em 2016 e focado, especificamente, na programação de um veículo aéreo não tripulado capaz de realizar entrega de cargas, passagem por obstáculos e reconhecimento e medição de áreas. O time, apesar de sua breve história, já ostenta um vice-campeonato nacional e duas menções honrosas em suas demais participações (CEFAST DRONE - PROFº ANTHONY, 2021).

O segundo esquadrão convidado foi o “Trincabotz”, elaborado há mais de 16 anos e referência a nível internacional em sua área de atuação (TRINCABOTZ, 2022). Atualmente, a equipe conta com mais de 40 membros ativos e 100 troféus conquistados, tendo como enfoque a criação de protótipos de robôs programáveis para competição.

Questionário Virtual

Para coleta de dados, fora criado, a partir da plataforma Google Forms, um questionário qualitativo com perguntas objetivas e dissertativas, as quais buscavam identificar: a equipe do entrevistado, o seu nível de conhecimento sobre programação anterior a sua entrada em

uma dessas agremiações e as principais vantagens oriundas da sua inserção (caso houvesse), as quais impactaram positivamente no campo acadêmico, pessoal e profissional.

Simultaneamente, fora também empregado na descrição do formulário um termo de Consentimento Livre e Esclarecido que destaca os fins exclusivamente acadêmicos da pesquisa e

alerta aos colaboradores acerca da intenção de publicação dos resultados.

A distribuição da enquete deu-se a partir de conversas com as capitâneas de cada um dos grupos, que ficaram responsáveis por repassá-la, única e exclusivamente, para o setor de sua equipe, ajuizado pela parte de programação dos protótipos.

Resultados

A premissa básica deste estudo é norteada pelo seguinte questionamento: a participação em competições de programação aplicada acarreta em benefícios úteis enquanto complemento para formação acadêmica dos estudantes do CEFET-MG?

Para responder essa questão, foram obtidas 20 participações de indivíduos inseridos cotidianamente nessa rotina, sendo 6 destes integrantes do Cefast Drone e 14 da equipe de robótica Trincabotz, conforme ilustrado abaixo:

Qual equipe de competição do CEFET você faz parte?

20 respostas

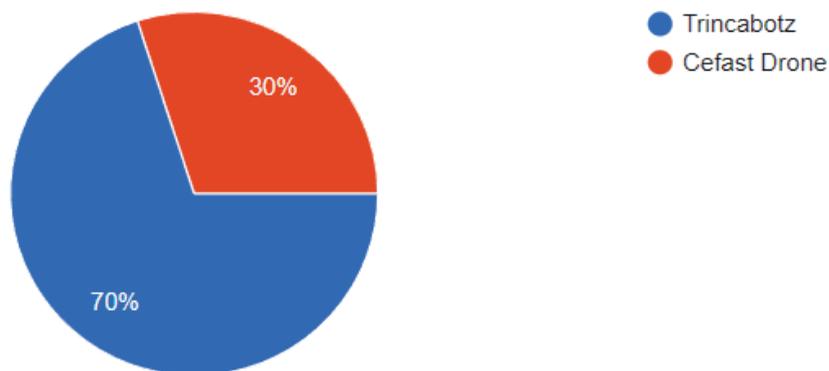


Gráfico 1

Nessa linha, os entrevistados foram questionados acerca do seu nível de conhecimento sobre programação anteriormente a sua entrada efetiva em uma das agremiações do CEFET-MG, a fim de conceder, para a pesquisa, uma base de comparação entre o ponto de partida e o estágio atual de domínio do conteúdo por parte dos

interrogados. Como resultado, obteve-se, em 90% dos casos, patamares superficiais de sapiência sobre o tema, tendo 11 alunos marcado a opção “nulo” e 7 a alternativa “básico”. A seleção “intermediário” foi escolhida apenas duas vezes, enquanto a “avançado” não foi votada, conforme exemplificado a seguir:

Antes de entrar para uma dessas equipes, qual era o seu nível de conhecimento sobre programação?

20 respostas

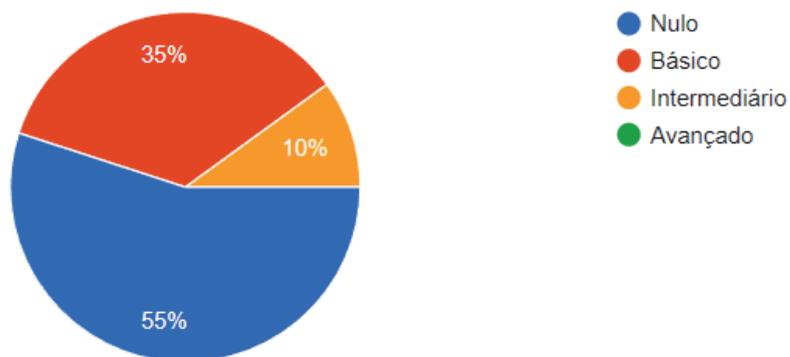


Gráfico 2

Em sequência, perguntou-se aos participantes sobre o seu nível atual de conhecimento sobre o assunto. Por conseguinte, surpreendentemente, 90% dos retornos diziam respeito a patamares elevados de aprendizado. Desses, 50% se

autodeclararam intermediários, enquanto 40% dizem já estar em um escalão avançado. Somente 2 estudantes (10%) se rotularam ainda como básicos em relação ao tópico, como graficamente esboçado:

Atualmente, como você descreveria seu nível de conhecimento sobre programação?

20 respostas

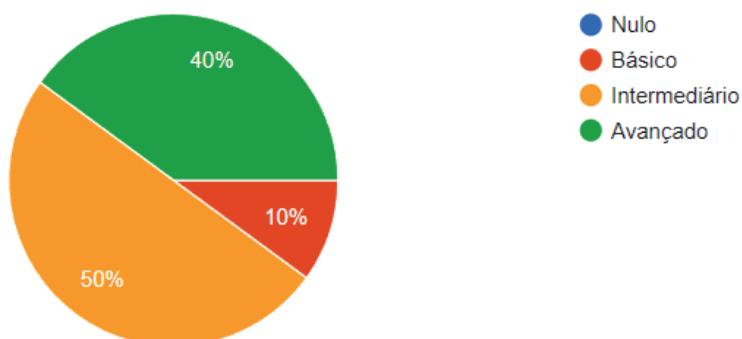


Gráfico 3

Seguidamente, foi feita uma indagação que buscava validar, a partir do ponto de vista dos próprios colaboradores, o quesito agregador das competições de programação enquanto auxiliaadoras no processo de aprendizado das

diferentes linguagens existentes na codificação. Em concordância com a tese levantada, o resultado, representado no gráfico 4, foi positivo em 100% dos casos.

Você acredita que a participação em competições agregou no seu processo de aprendizagem acerca das linguagens de programação?

20 respostas

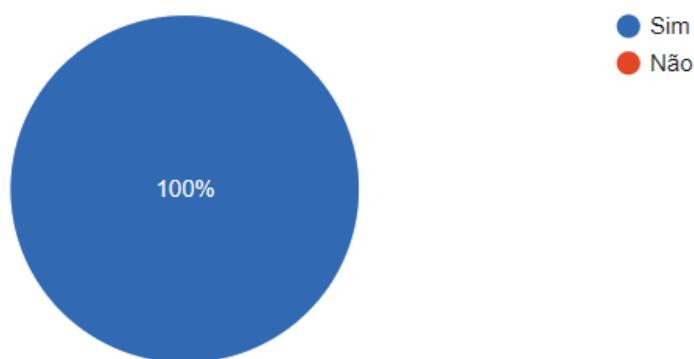


Gráfico 4

Destarte, fora solicitado aos entrevistados, em caso de sinalização positiva na questão anterior, que destacassem os aspectos provenientes da sua introdução nas principais

competições de programação do país que colaboraram, de maneira preponderante, para aceleração de seu aprendizado. O resultado foi listado no gráfico:



Gráfico 5

Entre os pontos elencados, destaca-se o desenvolvimento colaborativo, a compreensão, na prática, de conceitos estudados em sala e a observação dos métodos utilizados por outras equipes, todos citados em 85% das respostas.

A posteriori, procurou-se identificar a existência de proveitos, oriundos da incorporação destes alunos nas equipes, também no âmbito pessoal. Novamente, 100% dos entrevistados alegaram se sentir também beneficiados nesse quesito, conforme graficamente representado abaixo:

Além do âmbito profissional/acadêmico, você também se sente beneficiado no quesito pessoal?

20 respostas

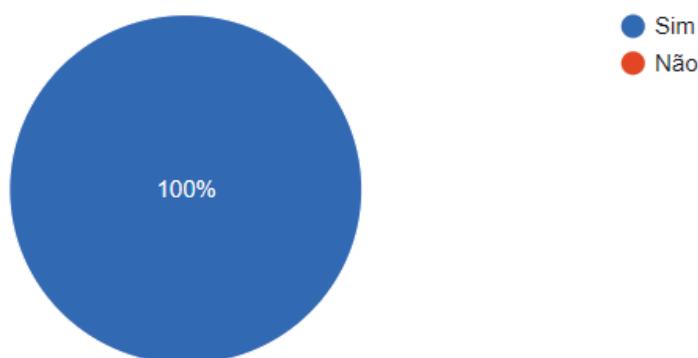


Gráfico 6

Outra vez, fora solicitado aos participantes, em caso de resposta positiva na questão anterior, que enumerasse os mais relevantes atributos adquiridos com a vivência em uma das equipes de programação aplicada do CE-

FET-MG. Assim, conforme explícito no gráfico 7, foram evidenciados, com maior frequência, o trabalho em equipe, a troca de experiência com outros membros e a resolução de problemas sob pressão.

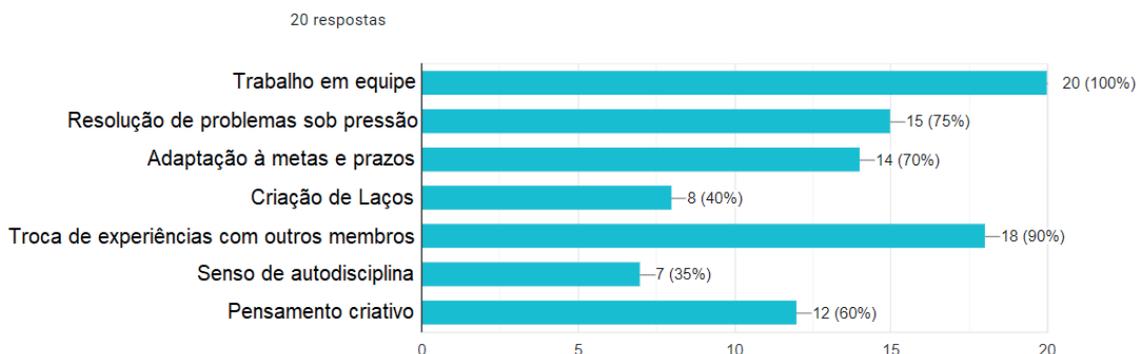


Gráfico 7

Por fim, ideou-se compreender, em termos palpáveis, a dimensão da evolução dos universitários no contexto estritamente acadêmico. Para isso, questionou-se acerca de uma melhoria perceptível das notas em matérias atreladas à

programação. Como resposta, 17 dos 20 interrogados alegaram ter apresentado uma clara ascensão em seus resultados, enquanto os outros 3 (15%), declararam não ter observado melhorias consideráveis.

No contexto estritamente acadêmico, ao entrar para uma das equipes de competição do CEFET, houve uma melhoria perceptível de suas notas em disciplinas ligadas à programação?

20 respostas

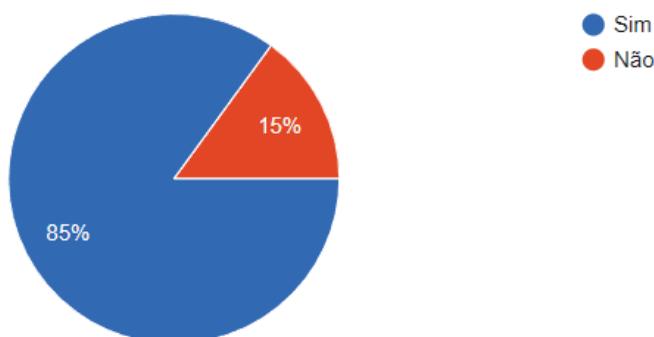


Gráfico 8

Correlação entre os resultados obtidos e outros estudos existentes

Na literatura, observou-se a existência de trabalhos que convergem com algumas das resultantes alcançadas no tópico anterior. Com relação ao processo de aprendizagem dos universitários, o Censo da Educação do Ensino Superior, produzido e divulgado em 2007, aponta que apenas 54% dos inscritos em cursos que envolvem programação concluem-os com sucesso. Nessa lógica, o artigo desenvolvido por Fassbinder et al. (2012) relaciona, como principal causa deste fenômeno, “a metodologia adotada pelo

docente que prioriza a teoria, por vezes maçante, e a resolução de exercícios fora de contexto”. Em concordância com essa tese, os números do gráfico 2, os quais dizem respeito ao período em que os alunos aplicavam os fundamentos de lógica programacional unicamente em sala de aula, apontam um baixo índice de domínio sobre o conteúdo. Já no gráfico 3, correspondente ao período posterior à entrada desses mesmos estudantes nas equipes de competição, percebe-se uma clara melhoria no desempenho, o que

deixa explícito a importância deste tipo de prática durante a vida acadêmica.

Ademais, no tocante dos benefícios atrelados ao contexto pessoal, os resultados destacados nos gráficos 6 e 7 confluem, em sua maioria, com as vantagens constatadas pela Escola de Tecnologia e Inovação Happy Code, que evidencia o desenvolvimento de habilidades para solucionar situações de adversidade, melhoria na organização de modo geral e estímulo ao raciocínio lógico.

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou uma análise sobre os principais impactos da programação aplicada à competição enquanto complemento para formação acadêmica dos alunos do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Verificou-se, no que tange tanto ao âmbito educacional, quanto pessoal, a existência de uma vasta gama de vantagens atreladas à participação em maratonas do gênero, as quais contribuem de maneira direta para o amadurecimento dos estudantes na esfera da codificação.

Ademais, a partir das evidências empíricas levantadas e de sua correlação com outros estudos da área, é ainda cabível classificar a metodologia da programação aplicada a torneios como um fator diferencial para melhoria do ensino-aprendizagem.

Nessa linha, espera-se que, em trabalhos futuros, o método de pesquisa escolhido suporte os estudos de outros pesquisadores que investigam o tema a partir de um maior grupo experimental, visto que tais resultantes ainda são recentes e carecem de comprovações empíricas mais amplas.

Referências

ANDRADE, Maria. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

7 BENEFÍCIOS DO APRENDIZADO DE PROGRAMAÇÃO E ROBÓTICA PARA ADOLESCENTES. **Happy Code School**, 2022. Disponível em: <<https://happycodeschool.com/blog/7-beneficios-do-aprendizado-de-programacao-e-robotica-para-criancas-e-adolescentes/>>. Acesso em: 7 maio 2022.

CEFAST DRONE - PROFº ANTHONY. **Departamento de Eletrônica e Biomédica - Campus Nova Gamaleira**, 2021. Disponível em: <<https://www.deeb.cefetmg.br/cefast-drone-profo-anthony/>>. Acesso em: 1 maio 2022.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2007. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf>. Acesso em: 6 maio 2022.

FASSBINDER, Aracele et al. Experiências no estímulo à prática de Programação através do desenvolvimento de atividades extracurriculares relacionadas com as competições de conhecimentos. **IMAGO UFPR Research Group**, 2012. Disponível em: <http://www.imago.ufpr.br/csbc2012/anais_csbc/eventos/wei/artigos/>. Acesso em: 6 maio 2022.

GONÇALVES, Dimas Antônio Silveira et al. Relato de experiência de alunos do curso de Licenciatura em Computação do IFMG - campus Ouro Branco na utilização de objetos de aprendizagem desplugados e do Scratch como instrumentos no ensino de programação. Anais dos Workshops do Congresso Brasileiro de Informática na Educação, [S.l.], nov. 2013. ISSN 2316-8889. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/wcbie/article/view/2683>>. Acesso em: 1 maio 2022.

REIS, Rachel et al. Relato de Experiência sobre o uso da Computação Desplugada associada a uma Teoria de Aprendizagem Colaborativa. **SBC Open Lib**, 2018. Disponível em: <<https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/view/14328>>. Acesso em: 8 maio 2022.

TRINCABOTZ. **Trincabotz**, 2022. Equipe de Robótica aplicada à competição. Disponível em: <<https://trincabotz.com.br/>>. Acesso em: 1 maio 2022.

Apresentando minha “*amiga genial*”: *Elena Ferrante*

Erika Tiemi Anabuki

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Doutora em Educação pela UFJF.

Volto à seção do Clube de leitura instigada em narrar minha experiência no mundo de Elena Ferrante. Porém, adianto que será uma narrativa humilde, desenhada e escrita pela perspectiva de meus simples pensamentos e emoções que foram experimentados e colocados à flor da pele quando a conheci. Assim como os demais leitores, não a conheci no plano físico, uma vez que sua pessoa é uma incógnita (ela realmente existe, é uma mulher, homem? É o pseudônimo de uma equipe de escritores?), mas no plano das ideias, da imaginação e por que não até exotérico?

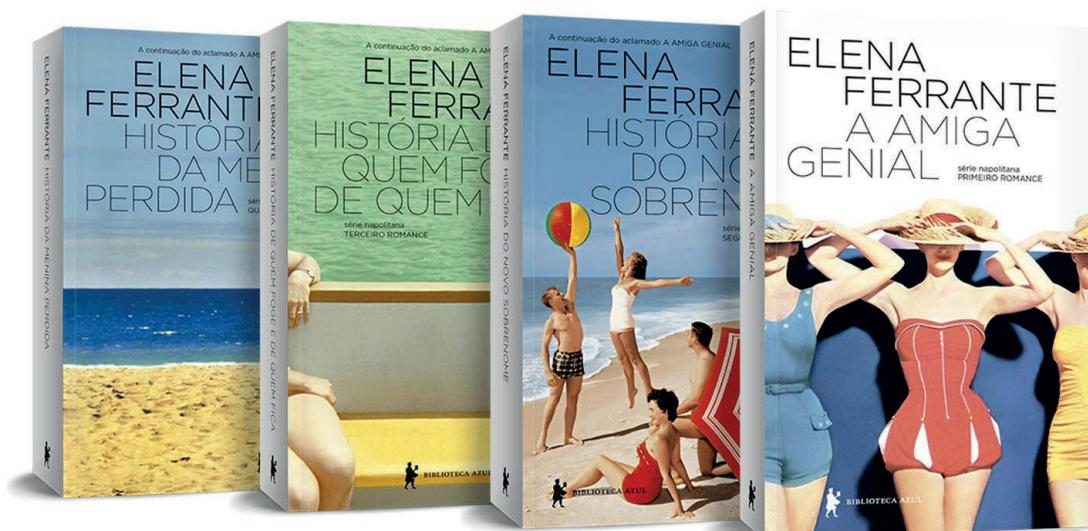
Como já informado, minha narrativa sobre nosso encontro é extremamente humilde, no sentido de que por mais que me esforçasse não seria capaz de expressar a profundidade e potência das obras de Elena. Analogicamente seria como descrever a chegada de um filho, ou o cruzar de uma linha de chegada de uma maratona: por mais profundas e ricas que sejam as palavras, só tomarão consciência das emoções destes momentos aqueles que os viveram.

Ademais, me faltam fundamentações teóricas de diversas áreas para respaldar meus argumentos. É, meus caros... As obras de Elena dialogam livremente e belamente com diversos temas da psicologia, sociologia, filosofia, história, literatura e por aí vai. “A cachaça é das boas”, em uma definição mais popular.

Resumidamente, sou uma simples leitora arrebatada por suas obras, e que aproveitando o espaço de nossa revista resolveu contar uma experiência. E claro, no tom de quem foi uma mera leitora, entretanto, que ao longo da experiência parecia ser também coadjuvante ou mesmo a personagem principal, uma vez que o efeito das obras de Elena é esse: transportar-te para a vida, aquela vida- a real, sua, minha, a dos outros. Mas a vida, simplesmente assim.

Eu e Elena nos cruzamos por acaso. Em um blog de leitura duas pessoas haviam comentado que tiveram suas experiências literárias chacoalhadas depois de ler suas obras. Uma dessas pessoas inclusive citou a autora como sua maior referência literária, e a havia estudado em suas teses de mestrado e doutorado. Na hora refleti sobre a importância de uma autora moderna na vida de pessoas tão comuns, mas que a citavam com uma vivacidade e ânimo ímpares (até então não sabia da dimensão do fenômeno Ferrante no mundo literário). Ao pesquisar mais um pouco pude então compreender o porquê de tanto alvoroço: a “bichinha é porreta”, diria meu modesto pai.

Porém, a minha real compreensão do fenômeno Ferrante veio após o processo de leitura de suas obras, a começar por “A filha perdida”, que já me deixou interessada pela escrita articulada,



madura, no tom exato, que reflete sobre temas sociológicos, mas leve como uma conversa na praia, assim como uma boa narrativa ficcional deveria ser. Em sequência vieram suas demais obras, na qual inconscientemente eu postergava a leitura da tetralogia napolitana (talvez medo de enfrentá-la, não compreendê-la, ou mesmo preguiça), o que é até então sua obra-prima.

Não houve mais saída, após a leitura de suas obras traduzidas para o português, tais como “A vida mentirosa dos adultos”, “Um amor incômodo”, dentre outras, estava completamente arrebatada e abri o primeiro volume da tetralogia- “A amiga genial” e só descansei após a última palavra de “História da menina perdida”. Foi uma semana com Elena ao meu lado dia e noite sussurrando sobre a vida de Lila e Lenu, da infância à velhice. Quando a história chegou ao fim, me vi carregada de um leve sentimento de saudades de Lila e Lenu, como se eu houvesse sido acolhida por elas em Nápoles, como se eu houvesse realmente vivido naqueles becos desorganizados, e tivesse minha vida afetada por toda aquela anarquia. Mas não, eu nunca pisei em Nápoles. Eu nunca vivenciei fisicamente e com meus próprios olhos a rotina e dinâmica de uma família napolitana, ainda mais em uma Nápoles pós-guerra dos anos 60. Mas aos olhos de Elena eu era uma napolitana, eu estava ali, eu nasci ali, cresci ali e vivi aquilo tudo. Eu era Lenu, era Lila e era Nápoles inteira.

Desconstruir-se após experimentar o efeito Ferrante leva até certo tempo, posso afirmar. Elena é capaz de nos envolver não somente no seu espaço, mas no seu tempo, na sua voz, nos seus pensamentos. Dito tudo isso, ainda sobram dimensões que abordam questões sociológicas complexas, como relações de trabalho, maternidade, gênero, máfia, sexualidade, paixões, literatura (e até Guerra das Coreias)... Mas tudo entrelaçado em uma narrativa fluída, leve, cotidiana, como se estivéssemos vivendo esse emaranhado de dimensões, e não meramente lendo. Afirmando que não fui apenas expectadora, não fui apenas olhos. Fui além: fui mãos, fui cabeça, fui coração, fui criança, adulta, mãe e velha. Fui napolitana, fui italiana, fui Elena. Por que a vida é assim, você se torna aquilo a partir de suas experiências. E Elena me permitiu experimentar, vivenciar, me encontrar, construir e ser desconstruída.

Logo no início da tetralogia Lenu narra um dos motivos para esmiuçar Lila, ainda que talvez esteja esmiuçando a si mesma: “Lilaqueria não só desaparecer, mas também apagar toda a vida que deixara para trás”. Sim Lenu, ela desapareceu, mas de algum modo reapareceu: em mim, em você, e em todos aqueles que a conheceram. E quiçá seja esse o propósito principal da escrita de Elena: transbordar a Lila, a “amiga genial” que existe em cada um de nós.

Homenagem a

Fiódor Dostoiévski:

um caminho de redenção

Harley Juliano Mantovan

Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Doutor em Filosofia pela UFG.

Responda rápido: você é idiota?

Antes de tudo, este texto se propõe a ser uma pequena homenagem ao bicentenário de Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski (1821-1881), que nasceu em Moscou no dia 11 de novembro de 1821. Ao mesmo tempo, essa homenagem ao grande escritor russo se dispõe a mostrar, em termos breves, como sua obra monumental nos oferece bons motivos para ainda continuarmos acreditando na humanidade, apesar da nossa miséria moral e espiritual, que ele igualmente investiga como um grande psicólogo das profundezas.

Mas o que é ser idiota?

De antemão, precisamos ressaltar que “**Dostoiévski** ensina a responsabilidade pessoal”. Isto é, ele “não aceitava a justificativa comum de pessoas serem vítimas do meio. Pondo a culpa de nossos dramas e fracassos no mundo mal feito, abre-se mão voluntariamente do nosso dom principal – a liberdade” (VÁSSINA, 2016). Sem deixar de denunciar os desvios, os vícios, a baixeza e a decadência dos homens, e sem deixar de retratar a sociedade em cores sombrias, entendemos que, ao longo da sua obra, Fiódor Dostoiévski buscou oferecer ao homem um caminho possível de redenção da sua miséria moral e espiritual. Para isso, o escritor russo procurou despertar no homem a

consciência da proximidade de Deus. De certa forma, encontramos essa preocupação humanista indiretamente exposta nas palavras de Elena Vássina: “No que diz respeito aos quatro principais romances de **Dostoiévski – Crime e castigo** (1866), **O idiota** (1869), **Os demônios** (1872) e **Os irmãos Karamázov** (1879) –, todos eles tratam da relação do homem com Deus” (2016). É esta relação que, na obra do escritor, pode melhorar a humanidade, e é através dela que o homem pode se tornar belo e bom, enfim, é a relação com Deus – que não é de forma alguma gratuita e pacífica – que possibilita ao homem uma compreensão mais desafiadora de si mesmo. E o próprio Dostoiévski escolheu corajosamente enfrentar esse desafio, como se nota nas palavras abaixo:

Logo depois de ter cumprido a pena de quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria, no início de 1854, Dostoiévski escreve a carta à sua amiga e “correspondente espiritual” Natália Fonvíninam, confessando que, apesar de ser “um filho do século da falta de fé e de dúvidas”, ele compôs para si “o símbolo da fé no qual tudo está claro e sagrado. Esse símbolo é muito simples: acreditar que não há nada mais belo, mais profundo, mais simpático, mais racional, mais corajoso e perfeito do que Cristo, e não só não há, como eu ainda afir-



mo com um amor cioso que não pode haver. Além disso, se alguém provasse que Cristo está fora da verdade e se realmente a verdade estivesse fora de Cristo, eu gostaria mais de ficar com Cristo do que com a verdade” (VÁSSINA, 2016).

Como se percebe, para o escritor a verdade não é tão digna de fé quanto Cristo, e isto significa acreditar mais no amor do que na racionalidade. Mas importava a Dostoiévski trazer para perto dos homens a humanidade de Cristo, foi a natureza humana do Salvador que o escritor buscou expressar em suas obras, pois se tratava para ele de mostrar aos seus contemporâneos que o caminho para a bondade estava próximo e disponível. O escritor pôs em prática esse projeto literário e humanista de iluminar a humanidade de Cristo através, por exemplo, do príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, personagem protagonista do romance **O idiota**.

O Príncipe Míchkin encarna o supremo ideal dostoiévskiano de beleza e de bondade, concebido como uma síntese viva e radiante de Jesus de Nazaré e Dom Quixote. Mas falemos primei-

ro da sua metade quixotesca. Ela o dota com quais características? Ora, ao discorrer sobre a cavalaria andante como uma ciência superior, Dom Quixote diz:

(...) aquele que a professa há de ser jurisperito e conhecer as leis da justiça distributiva e comutativa, para dar a cada qual o que é seu e o que lhe pertence; há de ser teólogo, para saber dar razão da lei cristã que professa, clara e distintamente, sempre que lha pedirem; tem de ser médico, e principalmente ervanário, para conhecer, no meio dos despovoados e desertos, as ervas que têm a virtude de sarar as feridas (...); tem de ser astrólogo, para ver, pelas estrelas, quantas horas da noite passaram, e em que parte do mundo está; tem de saber matemática (...); e pondo de parte o precisar de ser adornado de todas as virtudes teológicas e cardeais (...), há de guardar fidelidade a Deus e à sua dama; deve ser casto nos pensamentos, honesto nas palavras, liberal nas obras, valente nos feitos, sofrido nos trabalhos, caritativo com os necessitados e, finalmente, mantenedor da verdade, ainda que o defendê-la custe a vida (CERVANTES, 2003, p. 428).

Eis parte do retrato do Príncipe Míchkin no qual vemos a presença e a atuação de elevadas virtudes que, separando-o de modo extraordinário do comportamento comum, lhe dota com a espontaneidade, a firmeza e a coragem para praticar e defender a justiça, a caridade e a verdade.

O Príncipe é propriamente a manifestação sublime da extraordinária capacidade de amar, de perdoar e de querer o bem para o seu próximo. Para ele, a vida humana possui um valor infinito e deve ser protegida e salva. O Príncipe Míchkin considera que a verdadeira justiça é aquela que resgata o homem da maldade da matéria miserável e lhe permite viver na luz divina da bondade transcendente, experimentando, assim, o êxtase da beatitude. E a possibilidade de viver a beatitude plena se encontra na pessoa humana do Nazareno. Além disso, assim como Jesus trazia o “reino de Deus” em seu próprio coração, assim como Dom Quixote trazia o ideal de justiça da cavalaria andante dentro de si mesmo, o Príncipe Míchkin, tão espiritualmente belo em sua doação amorosa, é interiormente livre e vive com fidelidade a sua liberdade interior que lhe presentifica a dimensão transcendente e singularmente moral da sua existência magnânima. Através dessa personagem, Dostoiévski quer nos mostrar como um simples homem pode dela se aproximar e pôr em prática a beleza crística que insere o homem numa dimensão celestial de beatitude e de liberdade plenas. Todavia, essa aproximação do ideal crístico de bondade e de beleza morais e espirituais não é possível se nós não estivermos dispostos a, paradoxalmente, matarmos Cristo e vê-lo morto, pois matá-lo e vê-lo morto significa, por um lado, confirmar a sua humanidade e, por outro lado, significa nos libertarmos do Cristo instituído e distante que nos é apresentado pelos dogmas e pelos ritos formais e oficiais. De certa forma, ao contemplar a cópia do quadro *Cristo morto*, do pintor renascentista alemão Hans Holbein (1497-1543), que estava na casa de Parfen Semeónovitch Rogójin, o Príncipe Míchkin teve a experiência arrebatadora da humanidade de Cristo como uma exortação

profunda à prática do perdão e da compaixão. Pouco depois de olhar esse quadro do Salvador recém-retirado da cruz, Míchkin disse: “Ora, por causa desse quadro outra pessoa ainda pode perder a fé” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 252). Foi assim que, ao ver Cristo morto e perder a fé, ele se aproximou um pouco mais de Cristo. Essa mesma humanidade do Salvador, tão sublime e tão trágica, também chamou a atenção de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Para o filósofo, Jesus de Nazaré – que poderia ser chamado de *espírito livre*, devido à sua nobreza – punha em prática uma insurreição não apenas contra o sacerdote e a igreja judaicas, mas também contra os bons e os justos, contra os santos de Israel, contra a casta, o privilégio, a ordem, o formalismo (NIETZSCHE, 2019, p. 49). Nesses termos, referindo-se ao Nazareno, Nietzsche afirma: “Esse santo anarquista conclamava o povo humilde, os excluídos e os ‘pecadores’, os ‘chandalas’ do judaísmo a se opor à ordem dominante (...). Foi isso que o levou à cruz” (2019, p. 49). Contra os elementos fundadores e mantenedores da ordem dominante injusta, doentia e decadente, Jesus de Nazaré ofertava aos homens a beatitude celestial intrínseca à sua “boa-nova” que representava não só uma contestação e uma separação ante os valores morais e os padrões sociais vigentes, mas sua “boa-nova” representava também uma denúncia da imoralidade dessa moral instituída e da corrupção intrínseca a esses padrões sociais. Para Nietzsche, essa “boa-nova”, entendida como portadora da beatitude que só a compaixão pode oferecer, significava que não havia mais pecado, culpa e castigo e, neste sentido, a “boa-nova” da *prática evangélica* do Cristo homem dissolveu toda oposição e distância entre Deus e a humanidade. E diante dessa proximidade tão buscada por Dostoiévski, que faz de todos os homens “filhos de Deus” e herdeiros da bem-aventurança que os resgata da maldade da matéria, Nietzsche ousa dizer que “o ‘reino dos céus’ é um estado do coração”, isto é, ele não é “algo que vem ‘acima da terra’ ou ‘após a morte’” (NIETZSCHE, 2019, p. 61). É

nesse reino que está no coração que o homem deve viver, pois aí ele é livre, nobre e elevado tal como Dom Quixote, que vivia dentro de si mesmo, onde ele encontrava os ideais heroicos da cavalaria andante. Em suma, a “boa-nova” crística anunciou que “o ‘reino de Deus’ não é alguma coisa que se espera; não tem ontem nem depois de amanhã, não vem em ‘mil anos’ – é uma experiência do coração; em está em toda parte e não está em parte alguma” (NIETZSCHE, 2019, p. 62). Portanto, Cristo vivia em seu coração, livre, nobre e elevado bem acima da moral e das leis sociais, morais e religiosas. Todavia, assim como Dom Quixote era considerado louco por viver a grandeza e a singularidade da sua interioridade extraordinária, do mesmo modo, por viver separado dos valores, padrões e leis exteriores, Cristo será psicologicamente qualificado, por Nietzsche, como um *idiota*, da mesma forma que, pelos mesmos motivos psicológicos, Dostoiévski qualificou de *idiota* o magnânimo Príncipe Míchkin.

O termo “idiota” se aproxima do sentido da palavra russa *iuródiv*, que significa um misto de bobo, mendigo, vidente, mas igualmente pessoa amada por Deus. Mas além da capacidade de perscrutar as almas, de prever os acontecimentos e de profetizar, o Príncipe é considerado como alguém iluminado que alcançou uma consciência suprema da existência – ele é também chamado de filósofo. Elena Vássina, por sua vez, referindo-se ao romance de Dostoiévski do qual nos ocupamos, afirma: “Paradoxalmente, é na imagem artística do próprio *idiota* que, ao se tornar uma personificação do sentimento de ilimitada compaixão e de incondicional amor ao próximo, está concebida a ideia central e a mais valiosa dessa obra de **Dostoiévski**” (VÁSSINA, 2016).

Ainda quanto à compreensão e definição do sentido de “idiota” como qualidade excepcional de Cristo, de Dom Quixote e de Míchkin, encontramos um bom auxílio nas palavras de Renato Bittencourt. Com efeito, ao analisar o modo como Nietzsche elabora a psicologia do

Cristo e entende a beatitude evangélica de Jesus, Bittencourt defende que o idiota se separa daquilo que o filósofo chama de “moral de rebanho” – própria daqueles fracos e fracassados que cultivam valores doentes, decadentes e nihilistas –, uma vez que, para o comentador, há no idiota a convergência e o reforço mútuo da inocência e da sublimidade. Para Nietzsche, Jesus era o *homem criança* que vivia, através da sua fé prática, no infinito espiritual do seu próprio coração, assim como um idiota. Por isso, “o ‘idiota’ é uma pessoa sem igual no mundo, pois a sua axiologia não corresponde ao padrão estabelecido pela moda e pelos costumes sociais” (BITTENCOURT, 2011, p. 453). Considerando sua singularidade e sua nobreza de espírito, o idiota não pode ser compreendido pelas pessoas medíocres e iguais do rebanho social, moral e religioso, que tendem a considerá-lo sempre como ingênuo, tolo e louco. Enfim, deixemos falar a bela interpretação de Bittencourt:

O “idiota” se constitui como uma pessoa original, própria, autêntica, pois ele não combina, de forma instintiva, com as características degenerativas do espírito de rebanho, que se expressa justamente pelas categorias do “comum” e do “idêntico”. A tipologia do “idiota” representa assim uma pessoa de caráter “extrassocial”, que não se enquadra nos critérios normativos da coletividade. Jesus vivia apenas em unidade consigo mesmo (...). Podemos até mesmo afirmar que a atividade evangélica de Jesus e seus próprios valores intrínsecos estavam além de toda a moral (2011, p. 455).

Portanto, Jesus, Dom Quixote e Míchkin não eram pessoas comuns e ordinárias. Eles viviam numa dimensão extrassocial de acordo com valores morais que iam além da moral socialmente instituída. É nessa dimensão interior da unidade consigo mesmo que brota a verdadeira compaixão, que é o amor cuja doação livre, espontânea e corajosa nos liberta do nosso egoísmo e nos retira das trevas venenosas do ressentimento.

Diferentemente de Nietzsche, para quem a compaixão, própria dos fracassados e niilistas, era sintoma de fraqueza, de doença e de decadência, para Dostoiévski a compaixão, além de ser a salvaguarda da humanidade, é um caminho de redenção do homem. E o próprio Príncipe Míchkin vive de forma sublime esse sentimento de uma outra moral mais elevada, sobre o qual Dostoiévski, vendo-o tão presente em sua personagem, chega a dizer o seguinte: “A compaixão é a lei mais importante e talvez a única da existência de toda a humanidade” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 264). Essa lei não está escrita em nenhum lugar, mas é ela que nos faz agir em prol da realização de uma sociedade mais justa, harmônica, solidária e fraterna. Por isso, devemos agora refletir um pouco mais sobre esse sentimento que nos faz tão bem-aventurados, evangélicos e extrassociais.

Para Arthur Schopenhauer (1788-1860), o amor nos conduz à redenção e, por isso, ele expõe a seguinte sentença: “Todo amor (*ágapé, caritas*) é compaixão” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 476). De acordo com o filósofo, esse sentimento é próprio de quem, tendo alcançado a bondade suprema e a nobreza de caráter

perfeita, é capaz de sacrificar “inteiramente seu bem-estar e sua vida em favor do bem-estar de muitos outros” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 477). Além disso, é bom dizer que, para Schopenhauer, “também se encontram nesse patamar todos os que padeceram sofrimentos e encontraram a morte na defesa daquilo que guia e pertence de maneira proba ao bem da humanidade inteira” (2005, p. 477). Desta forma, a compaixão igualmente nos torna os defensores das verdades mais importantes e combatentes dos maiores erros que surgem na história humana.

Defender que “todo amor puro e verdadeiro é compaixão”, antes de tudo, significa afirmar que nós somos capazes de sacrifícios desinteressados em favor do outro. Esse é o ideal de beleza e de bondade que encontramos no Príncipe Míchkin. E esse ideal torna éticas as nossas condutas, cujo significado é preciso ressaltar. Para Schopenhauer, “da mesma fonte de onde brota toda bondade, amor, virtude e nobreza de caráter, também nasce aquilo que denomino negação da Vontade de vida” (2005, p. 480). É mediante essa negação ética que, de certa forma, pomos em prática o evangelho crístico,



O corpo de Cristo morto no túmulo (1520-1522). Hans Holbein, o Jovem. Obra contemplada por Príncipe Míchkin em "O Idiota" e que lhe causa grande impacto.

visto que ela nos permite superar e nos libertar do ódio e da maldade do nosso egoísmo e, assim, tal como Cristo, Dom Quixote e Míchkin, podemos alcançar “a perfeita bondade de disposição, o amor desinteressado e o mais generoso autossacrifício pelos outros” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 480-1). Isto significa que o sujeito da compaixão conseguiu rasgar o véu do egoísmo, e agora, com o olhar livre e generoso, ele vê o caminho da redenção:

[Ele] compartilha em tal intensidade dos sofrimentos alheios como se fossem os seus próprios e assim é não apenas benevolente no mais elevado grau mas está até mesmo pronto a sacrificar o próprio indivíduo tão logo muitos outros precisem ser salvos; então, daí, segue-se automaticamente que esse homem reconhece em todos os seres o próprio íntimo, o seu verdadeiro si-mesmo, e desse modo tem de considerar também os sofrimentos infundidos de todos os viventes como se fossem seus: assim, toma para si mesmo as dores de todo o mundo; nenhum sofrimento lhe é estranho (SCHOPENHAUER, 2005, p. 481).

Entendemos, afinal, que o idiota é aquele que, tomado de compaixão, não apenas faz do sofrimento dos outros o seu próprio sofrimento, mas também se dispõe a se sacrificar para aliviar todo sofrimento alheio.

Nesse momento, é preciso admitir, com algum pesar, que a compaixão, sendo insurrecional e extrassocial, nos retira igualmente do mundo, além do qual vivemos como idiotas livres em sua própria interioridade beatífica e evangélica. Nesses termos, ao praticar e defender a compaixão, a benevolência, a justiça e a verdade, o idiota é aquele que ultrapassa o mundo. Resta-nos perguntar: o que podemos aprender com quem ultrapassa o mundo? Por que o idiota é capaz de nos mostrar um caminho melhor? Enfim, o que podem nos ensinar Jesus, Dom Quixote e Míchkin, que foram aqueles insurgentes que ultrapassaram o mundo? Ao observarmos a vida, as condutas e as aventuras de quem realizou esse ultrapassamento do mundo, podemos nos liberar

da indignância cega que nos faz sofrer, e finalmente alcançamos, conforme diz Schopenhauer,

(...) aquela paz superior a toda razão, aquela completa calma oceânica do espírito, aquela profunda tranquilidade, confiança inabalável e serenidade jovial, cujos meros reflexos no rosto, como expostos por Rafael e Correggio, são um completo e seguro evangelho: apenas o conhecimento restou, a Vontade desapareceu (2005, p. 519).

Enfim descobrimos como devemos viver para obtermos a paz superior, a calma espiritual, a tranquilidade, a confiança e a serenidade específicas de um evangelho completo e seguro, que é uma lei escrita no coração do idiota. Só temos que pôr em prática a boa-nova cristica, mergulharmos em aventuras quixotescas e nos sacrificarmos numa doação incondicional ao outro.

Referências

- BITTENCOURT, Renato Nunes. Nietzsche e sua compreensão extra-moral da experiência originária da beatitude evangélica de Jesus. **Dissertatio**, UFPel, n. 34, p. 447-468, verão de 2011.
- CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2003.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **O idiota**. Tradução de Paulo Bezerra e desenhos de Oswaldo Goeldi. São Paulo: Editora 34, 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**: ensaio de crítica do cristianismo. Tradução Antônio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2019.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. Tradução e apresentação de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- VÁSSINA, Elena. **A presença de Deus nas obras de Dostoiévski**. Disponível em: [A presença de Deus nas obras de Dostoiévski. Entrevista especial com Elena Vássina - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#); acessado em 26/11/2021.

Jantar fora

Danilo França do Nascimento

Mestre em Estudos de Linguagens pelo CEFET/MG.
Docente da Secretaria de Educação de Minas Gerais



Sentia um calor sufocante em casa, de inverno em Belo Horizonte, um ar seco que a obrigou a ligar o umidificador e o ar-condicionado da sala. Leu mais uma página de seu livro, afagou o gatinho branco que estava deitado em seu colo e delicadamente o tirou para tomar um longo banho, daqueles para não limpar somente o corpo. Lavou os cabelos médios e encaracolados com cuidado e carinho, hidratou-os, estava feliz. Se enrolou em uma toalha felpuda e colocou outra em seu cabelo. Ela se olhou demoradamente no espelho do banheiro. Reparou nas imperfeições de seu corpo, mas focou no rosto e ficou satisfeita com a disposição de seu nariz

e sobancelhas. Pensou em jantar fora, “eu me-reço isso, a semana foi pesada e outra se iniciaria igualmente”.

Colocou um vestido verde, de verão, embora inverno, e espirrou um perfume adocicado em si. Arrumou os cabelos, meditativa, se olhou no espelho novamente, mas em outro maior que refletia o seu corpo todo. Ainda mais satisfeita, viu que se amava. Passou pó compacto no rosto e batom vermelho nos lábios ressecados. E ganhou as ruas, leve.

Meu apartamento ficava perto do cinema. Deu-se o luxo de sua própria companhia, pois era

uma novidade para ela. Nunca imaginava que poderia ir sozinha ao cinema ou teatro, mas desde a primeira vez que conseguira, nunca mais quis deixar de fazer.

O filme experimentava o auge na cidade, todos os seus amigos comentando nas redes sociais, decidiu assistir assim que pudesse, domingo parecia ser um ótimo dia. Achou curioso o nome do filme, pesquisou no Google o significado. “Um pássaro, ah sim!”. Não leu a sinopse, gostava de ser surpreendida. Comprou o seu ingresso pelo aplicativo, pois sabia que estava se esgotando rapidamente. Trocou-o do virtual para o papel na bilheteria e tomou o seu café com pão de queijo, como sempre fazia antes do cinema. Estava mais alerta, queria prestar atenção ao filme, pois gostou muito da última produção daquele diretor, “é um gênio da nova geração”, pensou.

O filme começou confuso, e ela se esforçou, queria muito gostar deste também. Só que ela era avessa à violência. Cada tiro que ouvia das caixas de som, cada corpo que caía ensanguentado na tela, era um pulo da poltrona que dava e apertava a sua coxa branca coberta por seu vestido de leve tecido. Sentiu ainda mais calor e pensou com raiva “como que este cinema não tem um ar-condicionado adequado, tão tradicional que é?”

Depois outra morte e outra. Cada violência que presenciava a fazia se encolher na cadeira, apertava com mais força as suas coxas. Sabia ser ficção, sabia estar diante de uma tela, com luzes e sons a fazendo se iludir, mas as suas sensações eram extremamente reais.

Fora surpreendida. O pássaro do cartaz não fazia sentido. “Faz sim”, depois de refletir um pouco.

Impactada, saiu da sala do cinema sem olhar para ninguém além de si mesma. Foi ao banheiro e se olhou longamente no espelho. Lavou o rosto e devagar removeu a pouca maquiagem

que aplicara em si. Decidiu manter o jantar, mas havia um nó em sua garganta.

No café restaurante que mais gostava da cidade, pediu o seu prato preferido, uma taça de vinho tinto Carménère e água gaseificada com rodela de limão. Olhando para o nada, nem reparou que a garçonete já havia deixado na mesa o vinho. Tomou um gole mais longo que o habitual e continuou pensando em cada sertanejo do filme. Pensou que “sou branca, de classe alta, advogada, do sudeste... E brasileira, assim como eles todos”. Balançou a cabeça e levou novamente a taça de vinho à boca com delicadeza, mas os olhos congelados.

Olhou pela janela do café e reparou que havia uma pessoa dormindo na praça do outro lado da rua. Pensou que ele também é brasileiro, assim como a mãe dela, o seu sócio machista do escritório, a sua faxineira, o seu ex-marido, o filho que tanto amou e, amaria ainda mais, se não tivesse nascido morto. O nó em sua garganta ficou mais dolorido, não conseguiu suportar, o grito estava quase saindo, olhou ao redor, sentiu vergonha, embaraço. O prato chegou e ela nem conseguia mais respirar. Pagou a conta rapidamente e saiu logo em seguida, como uma fugitiva.

Foi até o homem dormindo no banco de praça e, em um ímpeto desejo, quis se deitar com ele, sentir o seu calor, a sua respiração, a sua humanidade. Olhou-o fixamente por um momento que não se deu conta de quanto tempo se passou. Foi surpreendida quando ele se mexeu, acordou e a viu. Ficaram se olhando, sem trocar palavra. Ela nunca tinha entendido tão a fundo alguém em toda a sua vida e descobriu que ele e ela são um só. Agradeceu-o com um olhar terno por aquela intensa troca, e saiu ainda mais leve que antes do cinema, em direção ao seu apartamento. Entrou, beijou o seu gato, deitou no sofá e suspirou profundamente. Dormiu em paz.

Confluência

Gabrielly Ferreira Rodrigues
Discente

Nunca será o suficiente.
Minhas mãos enterradas em ondas de sangue
e a lucidez se altera intacta.
A libertação se aproxima
e a cortesia vem estúpida.
O azul vira vermelho
e minhas marcas são eternas.
Se eu olho o sol nos olhos todos os dias
enquanto escalo cordas de terra,
ainda que se possa polir,
eu peço coisas demais,
mas não tenho mais o que pedir.

Em mim tudo arde

Bloco do Lego

Dupla de membros da comunidade escolar

Em mim tudo arde
O peito, a alma, a vontade de viver
Grito, faço alarde, não importa enlouquecer
Canto, danço, invento arte, não quero adormecer

Te amo acordado
Te quero sonhando
Atravesso dimensões para estar com você
Planejo festas em meu íntimo ao anoitecer
Mas se você não está o vazio alimenta-se do meu ser.

Conto segredos no escuro
Confissões que de olhos abertos não posso fazer
Aperto seu corpo com desejos profundos
Memórias que se perdem ao amanhecer

Não sei onde termino ou onde você começa.
Nesse emaranhado de nós somos a perfeita definição de imperfeição.
Nunca vi amor perfeito, mas deve ser como
doce que não engorda,
água que não molha ou
jantar com regras de etiqueta
Mas com você quero o amor real que queima, dói, refresca, desassossega, é silencioso e faz alarde.

Porque em mim tudo arde
Essa constante saudade e a vontade de em você me perder
O desejo do reencontro que é parte de um plano maior de sempre estar com você
E o descontrole da paixão que nos invade, muito maior que um dia imaginei que pudéssemos viver.

O mundo é *ensurdecedor*

Sofia Barbosa

Discente do curso técnico em Edificações do CEFET/MG Campus Nova Gameleira.

O mundo é ensurdecedor. Pela fresta da janela, o ar entra frio. A neve cai tranquila até pousar no guarda-chuva dos que voltam do trabalho ou vão se encontrar com os amigos.

Quando anoitece, a lua ilumina a rua, mas as luzes do quarto continuam apagadas. O escuro ecoa por dentro, mesmo quando há brilho do lado de fora. Olhos cansados derramam lágrimas e dedos trêmulos se esforçam para digitar uma mensagem. A última.

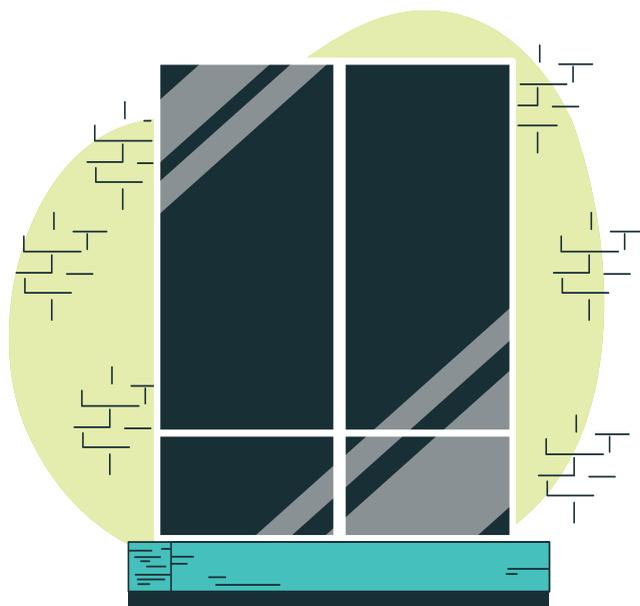
“Eu te amo”.

Lida.

Depois de alguns dias, o apartamento é posto à venda. Parece vazio demais, deprimente demais. As prateleiras ocupadas com fotos do filho crescido, a televisão pequena comprada com muito esforço, o livro que nunca se cansava de ler. Tudo foi levado embora como se nunca tivesse estado lá.

A mensagem não recebeu resposta e nunca receberá, mesmo que lágrimas escorram pelo rosto culpado de alguém. Isso é o quão insignificante a vida é. Frágil demais, curta demais.

Num sopro frio de inverno, um mundo some e outros continuam a existir, indiferentes.



Cidadezinha qualquer

Leda do Nascimento Rosa

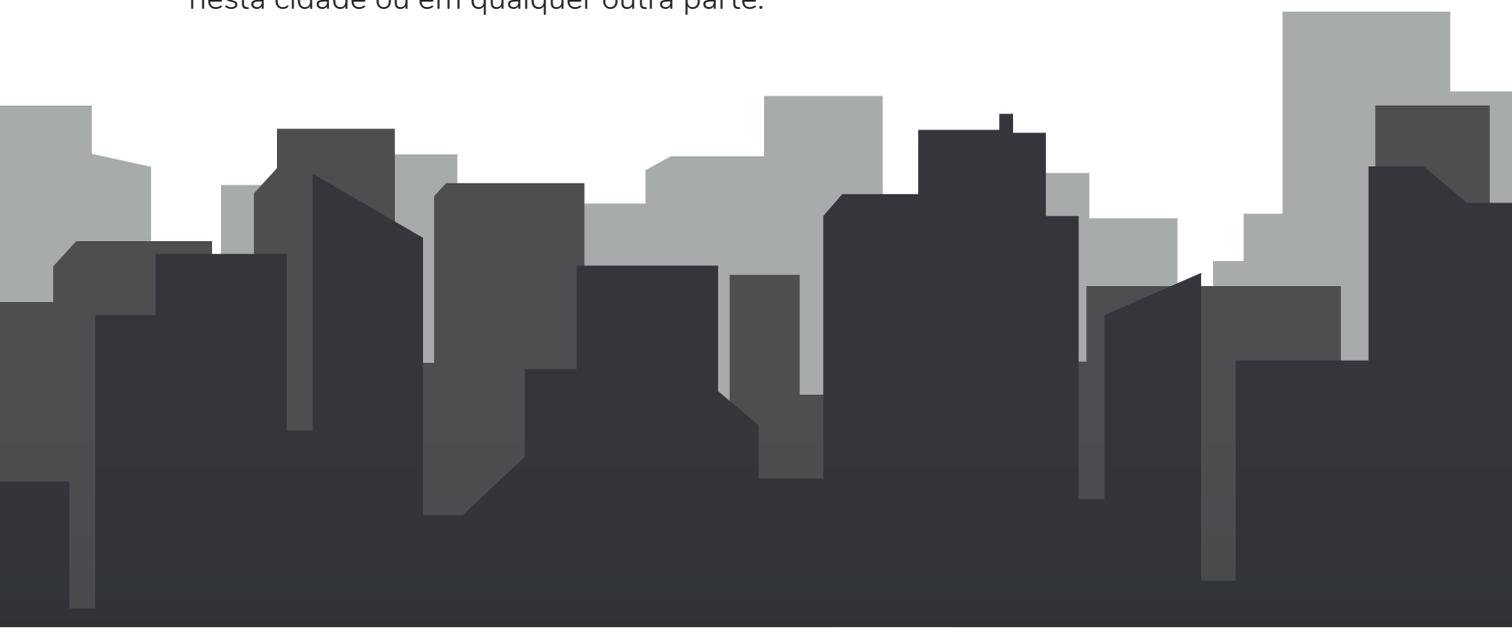
Docente do CEFET/MG Campus Leopoldina.

Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

Casas modernistas entre aguaceiros,
operárias entre sombreiros,
cinema, arte, poema.

Um operário vai depressa.
Vai com pressa o tempo que não volta mais.
Aqueles tardes mormacentas...
De janeiro a janeiro.

De primavera em primavera,
em uma delas você floresceu,
E um anjo disse:
__ Vai, menina, ser estandarte
nesta cidade ou em qualquer outra parte.





Tempo

Infante

Pseudônimo de membro da comunidade escolar.

Antes que tudo viesse a existir tu já estavas lá. Fostes testemunha ocular de toda criação e extinção, debaixo de tuas sombras vistes nascer impérios e

com a mesma serenidade os enterrastes também. És o exemplo perfeito e notório de imparcialidade, afinal, tu sentas à mesa com ricos e pobres, negros e brancos, letrados e iletrados. Alguns te chamam de Kronos e outros de Kairós, independente disso, ninguém conseguiu te aprisionar, até tentam te prendendo em horas, dias e anos, mas tu sempre escapas sem que ao certo te posamos datar. Sempre passas por tudo e por todos deixando sempre evidente suas marcas esculpidas na alma e nos corpos que te rodeiam. Tempo, tu és um sábio mestre que exalta os abatidos e abates os soberbos, tens nas mãos as chaves de castelos e casebres, conheces as senhas da vida e da morte, a cada instante compartilhas com a humanidade milhares ou quem sabe milhões dessas. Queria eu te aprisionar ou ao mesmo tempo te libertar, estender minhas mãos e contigo andar, no entanto teus passos são largos e grandes demais pra mim ou para qualquer outro. Tempo, és um deus invisível que permeia a tudo e a todos, chamando a cada um pelo nome. Dividimos-te em passado, presente e futuro, no entanto tu és único. Alguns te adoram, outros te odeiam, queremos te retroceder não para mudá-lo, mas para nos mudar, te achamos lento quando agonizamos e apressado demais quando festejamos nossas conquistas e sucessos.

No fundo, és imutável, empoeirando a tudo e a todos que por ti passam. És surpreendente com compartimentos de paz e guerra, fome e fartura, alegria e tristeza, vida e morte. Pudera eu me embalar em teus braços, sentir teu aconchego e me curvar diante de tua realeza. Tempo, és dos deuses o mais lindo, sem ter rosto, forma sem ter vida. És simplesmente o senhor tempo.

INCERTEZAS

Pedro Godoy

(Poska sobre Papel)



CEFET-MG

